

Ministério

SET-OUT · 2023

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 19,40



APELO FINAL

As três mensagens angélicas e suas implicações missiológicas

A comunicação a serviço da missão + O processo e o evento do evangelismo + Questões sobre a ordenação de anciãos

Uma abordagem equilibrada sobre intertextualidade + O significado de obras da lei em Gálatas 2:16

PRODUTOS PARA
★ 2024 ★



CESTA BÁSICA ESPIRITUAL

De 1º de setembro a 8 de outubro

O ALIMENTO ESPIRITUAL PARA TODA A FAMÍLIA.
ADQUIRA JÁ OS PRODUTOS PARA O PRÓXIMO ANO.



10



14

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 28 Ponto a ponto
- 34 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



30

10 A proclamação final
Elias Brasil de Souza
 Mensagens de amor, esperança e justiça

14 Novos tempos, mesma missão
Odailson Fonseca
 A comunicação digital a serviço da pregação

18 Evangelismo eficaz
Rafael Rossi
 A integração entre o processo e o evento

22 Como somos justificados?
Kim Papaioannou
 O significado de obras da lei em Gálatas 2:16

25 Conexões textuais
Heber Pinheiro
 Uma abordagem equilibrada sobre intertextualidade

30 Ancionato fortalecido
Martin Hanna e Cindy Tutsch
 Perguntas e respostas sobre a ordenação de anciãos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 569 – Set/Out 2023
 Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Milton Andrade
Revisora Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Arte sobre imagens de Adobe Stock

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
 Twitter: @MinisterioBRA
 Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Eric Richter; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor; Alberto Peña; Alvaro Cáceres; Antonio Funes; Claudiney Candido; Edilson Valiante; Edison Choque; Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco Abdoval; Guillermo Delgado; José Wilson; Levino Santos; Milton Mayo; Otávio Barreto; Raildes Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Rodovia SP 127 – km 106
 Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Gerente Editorial Wellington Barbosa
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
 Segunda a quinta, das 8h às 20h
 Sexta, das 7h30 às 15h45
 Domingo, das 8h30 às 14h
 Site: www.cpb.com.br
 E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 94,50
 Exemplar Avulso: R\$ 19,40



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla. A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Extensão

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 12mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.

- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

OPERAÇÃO MEGAFONE

A habilidade de comunicação é uma das competências mais valorizadas pelas organizações, ainda mais em tempos pós-pandemia – realidade esta que provocou intensas adaptações nas interações humanas. A palavra se tornou o maior capital, a maior estratégia, a maior fonte de poder. Nesse contexto, o papel da mídia é fundamental para a veiculação da informação. Ela tem sido uma ferramenta usada no meio social, político e econômico, que vai muito além de apenas levar conteúdo; ela é capaz de ditar regras de comportamento, pois age diretamente na formação da opinião pública.

Nesta era dominada pelos meios de comunicação, o grande conflito entre a verdade e a mentira ganha contornos mais sofisticados. Para muitos, o que vale mesmo é a opinião pessoal a respeito dos fatos. Além disso, proliferam-se as *fake news*, que manipulam desde as campanhas políticas até as guerras entre países. E no alvorecer da plataforma ChatGPT – um chatbot on-line de inteligência virtual –, a palavra continua no centro das atenções. O que é ético e o que não é? Bem, ainda há muito a ser entendido e discutido. No momento, a pergunta crucial é: Como anunciar o evangelho eterno nesse contexto tão desafiador e polarizado?

A Bíblia afirma que o grande conflito entre o bem e o mal continuará tendo em seus capítulos finais a palavra como arma principal. O mesmo poder blasfemo que agiu durante a Idade Média, caracterizado por um chifre que possuía uma “boca que falava com arrogância” (Dn 7:8), continuará proferindo “blasfêmias contra Deus” (Ap 13:6) no tempo do fim, recebendo autoridade do próprio dragão. É interessante notar a forma como esse poder político-religioso profere suas mentiras. De acordo com a Septuaginta, ele “fala muito” ou “fala forte” (*laloun megalá*), como se estivesse portando um megafone em sua boca. A mesma expressão aparece em Apocalipse 13:5, traduzida como “arrogâncias”.

Nessa guerra de discursos, o ponto central não é quem fala mais forte, mas quem diz a verdade.

Esse falso sistema religioso que “lançou por terra a verdade” (Dn 8:12), é chamado no Apocalipse de Babilônia, que significa “confusão”.

Por outro lado, Cristo concede à Sua igreja poder e autoridade para proclamar o evangelho eterno “aos que habitam na terra, e a cada nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6). O povo remanescente de Deus é retratado como um anjo que voa “pelo meio do céu”, expressão que revela a extensão global do trabalho e a urgência da mensagem. Trata-se da última carta de advertência de Deus à humanidade, uma mensagem de amor emitida por um Pai que anseia ter Seus filhos de volta em casa. Essa mensagem é pregada “com voz forte” (*phōnē megalē*), ou seja, com intrepidez, clareza e intensidade, como se estivesse sendo propagada por algum tipo de amplificador. É curioso observar que, antigamente, as pessoas usavam objetos cônicos na boca a fim de aumentar o volume de sua voz. No caso do povo remanescente que prega as três mensagens angélicas, o “amplificador” é o poder do Espírito Santo, a autoridade de Cristo e o amor do Pai.

Nessa guerra de discursos, o ponto central não é quem fala mais forte, mas quem diz a verdade. No fim das contas, o bem sempre vencerá. Mesmo que o dragão forme sua tríade satânica, o povo de Deus seguirá protegido pelo Cordeiro de Deus. As três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 são, portanto, o clímax do “assim diz o Senhor” para a humanidade caída. Como temos pregado essas mensagens? Com voz tímida ou a plenos pulmões? Temos usado todos os recursos disponíveis para avisar o mundo que o fim está às portas? É hora de ligarmos o “megafone” e deixarmos que o Espírito Santo nos use. **M**



MILTON ANDRADE
editor associado da
revista *Ministério*



21 DE OUTUBRO

MKT CPB | Adobe Stock | Foto: William Moraes

feliz dia do

Pastor

"Fiquem alertas, permaneçam firmes na fé, sejam *fortes*."

1 Coríntios 16:13

A MENSAGEM, O JUÍZO E A CRUZ

O dia 8 de maio de 1945 ficou conhecido na Europa como o Dia da Vitória, pois marcou o encerramento da Segunda Guerra Mundial. O mundo que havia mergulhado no horror, sofrimento e miséria causados por essa guerra sangrenta, agora celebrava na Champs-Élysées, em Paris, e em muitos outros lugares do planeta o fim da dor provocada pela loucura humana. Em 20 de novembro do mesmo ano, começou o julgamento de vários nazistas que promoveram atrocidades durante a guerra, o qual ficou conhecido como o Tribunal de Nuremberg. Esse tribunal condenou várias pessoas com penas que vão desde a reclusão por dez anos até a pena de morte.

A conclusão desse julgamento trouxe alegria generalizada por todo o mundo, ao mesmo tempo em que resultou em tristeza e condenação para aqueles que cometeram os crimes de guerra. Isso me faz refletir que uma mesma mensagem pode trazer resultados completamente diferentes e provocar as mais diversas reações – tudo depende da nossa atitude diante dela.

Em Apocalipse 14:6 a 12, as mensagens dos três anjos parecem apontar nessa direção, pois seu conteúdo pode nos trazer a mais absoluta certeza da salvação em Cristo ou a condenação para aqueles que são indiferentes à voz divina. Por um lado, encontra-se a mensagem poderosa do evangelho eterno em Apocalipse 14:6 e, por outro, a condenação de quem adora a besta e a sua imagem apresentada em Apocalipse 14:9. De acordo com o Tratado de Teologia, o evangelho eterno não está separado do juízo, mas ambos caminham lado a lado (p. 965). Há uma passagem em Isaías que parece ecoar esse conceito: “Assim diz o SENHOR: ‘Mantenham o direito e pratiquem a justiça, porque a Minha salvação está prestes a vir, e a Minha justiça está prestes a se manifestar’” (Is 56:1).



LUCAS ALVES
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul

Cristo – e somente Cristo – nos oferece a verdadeira esperança e nos dá a garantia de salvação.

As mensagens dos três anjos podem ser resumidas na justiça perfeita de Cristo. Certa vez, indagada sobre qual seria o conteúdo principal da terceira mensagem angélica, Ellen White respondeu: “Várias pessoas me escreveram, perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo, e tenho respondido: ‘É a mensagem do terceiro anjo, com certeza’” (*Eventos Finais* [CPB, 2021], p. 123). Sem dúvida, isso nos leva a descansar em Cristo e confiar que Seus méritos são suficientes para nos salvar, não importa quão longe fomos nem o peso dos nossos pecados. Cristo – e somente Cristo – nos oferece a verdadeira esperança e nos dá a garantia de salvação. Em resumo, o que seria isso? Ellen White explica: “Quando o pecador penitente, contrito diante de Deus, reconhece a expiação de Cristo em seu favor e aceita essa expiação como sua única esperança nesta vida e na vida futura, seus pecados são perdoados. Isso é justificação pela fé” (*Fé e Obras* [CPB, 2018], p. 83). Essa justiça é a que nos salva!

No entanto, é importante frisar que o mesmo evangelho que salva também traz juízo. Isso fica claro na mensagem do terceiro anjo. Hans K. LaRondelle costumava dizer em suas aulas sobre doutrina da salvação que a justiça que salva, também condena. Mas, devemos procurar abordar esse tema de forma equilibrada, integral e positiva, não esquecendo que “Cristo deve ser pregado, não em forma de controvérsia, mas de maneira positiva”. “Exaltem cada vez mais o Homem do Calvário. Há poder na exaltação da cruz de Cristo” (*Evangelismo* [CPB, 2023], p. 131). **M**

VOZ EM MISSÃO



O programa A Voz da Profecia, considerado o primeiro programa cristão de rádio no Brasil, teve seu início no dia 23 de setembro de 1943, em 17 emissoras espalhadas pelo país. O primeiro orador foi o pastor Roberto Rabello, que era acompanhado pelas músicas do quarteto *The King's Heralds*. Ao longo desses 80 anos, já se passaram dez oradores. Atualmente, o programa é apresentado pelo pastor Gilson Brito, tanto na Rádio quanto na TV Novo Tempo.

Natural de Vitória da Conquista, na Bahia, **Gilson Brito** se formou em Teologia em 1987. Ao longo do seu ministério, atuou como pastor auxiliar, pastor distrital, departamental de mordomia, ministerial, secretário de associação, pastor da igreja da Faculdade Adventista da Bahia (Fadba) e diretor interno da Faculdade Adventista de Minas Gerais (Fadminas). Em 2015, ingressou na TV Novo Tempo para atuar como evangelista e apresentador do programa Além dos Fatos. Em 2019, foi nomeado orador do programa A Voz da Profecia. Casado com Zena Mara Brito, o casal tem duas filhas: Ketlin e Kevlin.

Não somos artistas, somos evangelistas.
A equipe não se apresenta, mas
apresenta Jesus.

Quais são os desafios de ser orador do programa A Voz da Profecia?

É encantador ver como esse ministério tem um alcance extraordinário entre as mais diferentes denominações religiosas. Por onde passamos, encontramos irmãos queridos que acompanham nosso programa. Este é, de fato, um dos nossos grandes desafios: pregar a verdade bíblica com fidelidade, incluindo doutrinas não compreendidas ou rejeitadas por muitos cristãos. No entanto, é preciso fazer isso com muito carinho e respeito. Afinal, o nosso objetivo é levar o maior número possível de pessoas a viver de acordo com os princípios da Palavra de Deus.

Fui grandemente abençoado por vários oradores de A Voz da Profecia. Hoje tenho o privilégio de continuar esse legado, que é espalhar a mensagem do evangelho ao mundo. Eu gosto de dizer que não somos artistas, somos evangelistas. A Voz da Profecia não faz show, faz evangelismo. A equipe não se apresenta, mas apresenta Jesus Cristo que é a grande necessidade da humanidade.

Como um pregador pode se adequar a diferentes tipos de mídias e auditórios?

Ainda que cada mídia tenha sua peculiaridade, penso que há aspectos que são essenciais em todos os contextos. Em primeiro lugar, o pregador precisa estar em íntima conexão com Cristo, para que o Senhor fale por meio dele. Esse é o ponto fundamental. Além disso, é necessário conhecer bem o tema a que se propõe apresentar a fim de fazê-lo com convicção. Mas um fator que julgo cada vez mais relevante é demonstrar autenticidade,

transparência, simplicidade e naturalidade, especialmente às novas gerações, pois elas rejeitam qualquer artificialidade ou uso de máscaras. Quanto mais simples e naturais formos, mais ficaremos próximo das pessoas e as influenciaremos positivamente para o reino de Deus.

A Voz da Profecia também produz e distribui cursos bíblicos?

Após o ano de 1943, quando A Voz da Profecia começou a ser veiculada no rádio, a Igreja Adventista do Sétimo Dia criou a escola radiopostal na intenção de aprofundar o estudo da Bíblia juntamente com os ouvintes do programa. Ela passou a enviar gratuitamente estudos impressos para todos os ouvintes que faziam a solicitação. Atualmente, esse trabalho prossegue e é grandemente ampliado por meio da Escola Bíblica da Novo Tempo, que envia cerca de mil cursos bíblicos todos os dias para aqueles que acompanham os programas pela TV, rádio e internet. Temos cerca de 30 diferentes cursos bíblicos que também podem ser feitos de forma on-line, caso a pessoa prefira. Ao longo desses 80 anos, é difícil contabilizar quantos desses cursos bíblicos foram enviados. Mas, sem dúvida, foram milhões! Isso significa que muitas pessoas foram alcançadas pela mensagem do evangelho eterno e entregaram a vida a Jesus. Creio que os pastores podem nos ajudar divulgando a programação da Novo Tempo e sugerindo aos interessados que peçam os estudos bíblicos.

Em suas campanhas evangelísticas, como você enxerga a parceria entre pregação e música?

É como goiabada e queijo: uma mistura perfeita! As músicas cantadas pelo quarteto Arautos do Rei são suaves e solenes, alegres e cheias de esperança, expressando de forma poética a mensagem bíblica. Elas preparam o coração das pessoas para o tema que será pregado. Assim, quando abro a Bíblia, creio que os ouvidos estejam mais abertos para receber aquilo que Deus tem a dizer. Portanto, música e pregação se complementam no objetivo de anunciar a salvação e expandir o reino de Deus.

De quais maneiras um pastor pode usar as redes sociais para pregar o evangelho?

Sem dúvida, com a internet é possível alcançar mais pessoas, evangelizar mais. O que me preocupa é que essa mesma ferramenta que é positiva para a evangelização torna-se negativa à medida que expõe a realidade de alguns grupos religiosos que, com falta de entendimento,

Música e pregação se complementam no objetivo de anunciar a salvação e expandir o reino de Deus.

dizem em nome de Deus o que não é bíblico e revelam certas atitudes que não condizem com a vida de um cristão. Pessoas não convertidas veem esses excessos e tendem a generalizar, imaginando que toda igreja cristã é assim. As redes sociais estão aí, disponíveis como canais de comunicação do evangelho. No entanto, precisam ser usadas com sabedoria e equilíbrio, para que edifiquem e não destruam a pregação do Reino.

Conte algum testemunho relacionado ao ministério de A Voz da Profecia.

Eu poderia contar vários testemunhos de conversões. Porém vou mencionar algo que muito me encantou ao ver o carinho do povo de Deus por esse ministério. Certa noite, tivemos um culto lindo em Joinville, Santa Catarina. No dia seguinte, às 3h da manhã, saímos do hotel para o aeroporto de Joinville e voamos para Campinas e de lá fomos para Chapecó, no oeste catarinense. Por volta das dez horas da manhã, estávamos sobrevoando Chapecó, mas o piloto desistiu de aterrissar por conta do mau tempo. Deu umas oito voltas sobre a cidade e finalmente anunciou que seguiríamos para Florianópolis. Ao chegar lá, embarcamos às 12h15 em uma van com direção a Chapecó. A princípio, o GPS informava que chegaríamos às 20h, depois 20h30, depois 21h30. Todo o percurso foi embaixo de chuva. Até que, após 9h30 minutos de viagem, chegamos ao local do evento às 21h45. O que me encantou foi ver que os irmãos ficaram lá, esperando a equipe. E quando chegamos, imediatamente cantamos e pregamos, com a mesma roupa da viagem. Fomos recebidos com extremo carinho e tivemos um lindo culto. Estávamos cansados e com fome, afinal, fizemos apenas uma rápida parada na estrada. Mas ver o entusiasmo do povo de Deus compensou todo o esforço naquele dia.

Nossa vocação é evangelizar, seja por meio da internet, do rádio ou da TV, falando, cantando ou exercendo qualquer outra função. Deus quer que sejamos instrumentos em Suas mãos, a fim de que Sua voz seja ouvida nesta geração. **M**

A PROCLAMAÇÃO FINAL

Mensagens de amor,
esperança e justiça

Elias Brasil de Souza

As três mensagens angélicas de Apocalipse 14 resumem o discurso final de Deus ao mundo. O primeiro mensageiro faz um convite de adoração a Deus porque é chegada a hora de Seu juízo. O segundo anuncia a queda de Babilônia. E o terceiro adverte contra a adoração à besta e à sua imagem. Contudo, por trás das palavras de julgamento, destruição e castigo, encontra-se uma mensagem de amor, esperança e justiça.

O convite

O anjo voando no meio do céu representa a igreja em rápido movimento global para cumprir a missão confiada por Deus de proclamar o evangelho eterno. O “meio

do céu” designa o local em que “o Sol chega ao ápice ou ponto mais alto”.¹ O anjo aqui simboliza a igreja dos últimos dias. O fato de a proclamação ser feita em “grande voz” aponta para a autoridade que reveste a mensagem (Ap 7:2; 10:3).² E a caracterização do evangelho como “eterno” revela que se trata do evangelho perene, concebido no Céu e anunciado desde tempos imemoriais, o qual deve ser proclamado a toda raça, tribo, língua e nação.

De acordo com a definição bíblica, o evangelho consiste do maravilhoso anúncio de que Deus adentrou a história humana para demonstrar Seu amor e dar esperança (Jo 3:16). Uma representação profunda do evangelho aparece na visão relatada em Apocalipse 5. João vislumbra

um “Cordeiro como tendo sido morto” (Ap 5:6). Este é o evangelho: o Cordeiro venceu e, por meio de Sua morte sacrificial substitutiva, oferece paz e reconciliação com Deus. Não é por acaso que o título mais comum para Jesus no livro de Apocalipse seja “o Cordeiro”, mencionado 28 vezes.

A proclamação do primeiro anjo é feita em alto e bom som: (1) “temam a Deus e deem glória a Ele” e (2) “adorem” o Criador. Existem outros elementos, qualificações e motivos, mas o âmago da mensagem é: temam a Deus e O adorem. Essa expressão “temer a Deus” parece despropositada em nossa era marcada pela ansiedade e depressão. No entanto, a Bíblia correlaciona o “temor a Deus”

não só com reverência e respeito por Ele, mas também com alegria e prazer. Êxodo 15:11 conecta o louvor com o temor de Deus. Isaías 60:5 relaciona o temor à alegria. Mateus 28:8 relata que duas mulheres saíram do túmulo de Jesus “tomadas de medo e grande alegria”. É interessante perceber que a Bíblia também relaciona o temor a Deus à obediência a Seus mandamentos (Ec 12:13; Dt 28:58).

Ao passo que o medo e a ansiedade que afligem a sociedade ocidental pós-cristã contemporânea decorrem da falta de temor a Deus, as sociedades pré-cristãs viviam aterrorizadas pelo medo de demônios, por conceitos equivocados sobre Deus ou pelas exigências conflitantes de supostos deuses. Seja qual for o caso, o temor a Deus é o antídoto de que todos precisam. É claro que isso pode soar estranho, mas o evangelho tanto nos liberta de nossos medos paralisantes quanto nos preenche com “um temor muito agradável, feliz e maravilhoso”.³ A ordem de dar glória a Deus está intimamente ligada a temê-Lo e consiste em ações quase equivalentes. De acordo com Ellen White, dar glória a Deus é “revelar o caráter Dele por meio do nosso e, assim, torná-Lo conhecido. Qualquer que seja a maneira em que revelemos o Pai ou o Filho, estamos glorificando a Deus”.⁴

Analisemos mais de perto essas duas ordens intimamente relacionadas e os temas do juízo e da criação a elas associados. Em primeiro lugar, a proclamação de que “é chegada a hora do Seu juízo” serve como razão para temer a Deus. Infelizmente, assim como o conceito de “temer a Deus”, a ideia de um juízo divino costuma ser mal compreendida. O liberalismo teológico, por exemplo, opõe o amor de Deus a Seu juízo. Ao comentar a distorção liberal da mensagem bíblica da salvação, certo teólogo escreveu: “Um Deus sem ira acarretaria em seres humanos sem pecado levados a um reino sem juízo por meio do ministério de um Cristo sem cruz.”⁵ Por mais que as pessoas desprezem essa ideia, o juízo divino é intrínseco a Seu amor e às boas-novas do

evangelho. Uma vez que Ele ama a justiça e abomina o mal, “pertence à natureza de Deus julgar”.⁶ Ao anunciar que “é chegada a hora do Seu juízo”, o primeiro mensageiro indica que o julgamento acontece enquanto a mensagem é proclamada. Portanto, esse juízo faz referência ao “ministério pré-advento”⁷ de Jesus, simbolizado pelo Dia da Expição (Lv 16), retratado na visão de Daniel 7:9-14 e temporalmente delimitado em Daniel 8:14. Em outras palavras, trata-se do juízo pré-advento: a vindicação daqueles que temem a Deus e Lhe dão glória. Esse julgamento é uma ótima notícia para aqueles que se posicionam ao lado de Deus no conflito cósmico.

Em segundo lugar, a criação aponta para a qualidade de Deus que O torna digno de adoração: Ele “fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. O convite para adorarmos o Criador reverbera o mandamento do sábado (Êx 20:11). De todos os mandamentos do Decálogo, o quarto é o único incorporado à trama da criação. Ele representa o sinal de lealdade a Deus, o reconhecimento de Sua autoridade e também aponta para a redenção (Dt 5:15). Assim, “ao mesmo tempo que [o sábado] lembra a perda da paz do Éden, também fala da paz restaurada por meio do Salvador”.⁸ Não é de se espantar que o sinal da autoridade de Deus se torne um ponto de discórdia na última etapa do grande conflito (Ap 13:16). Afinal, o mandamento do sábado repousa no amor de Deus pela humanidade e aponta para Ele como o Criador, em quem reside nossa esperança à medida que enfrentamos a crise final.

O anúncio

Embora o anúncio da queda de Babilônia transmita uma mensagem negativa e, por isso, pareça desprovido de conforto e alegria, ao examiná-lo de perto, ele contém brilhantes raios de esperança. Antes de refletir sobre a passagem em seu contexto apocalíptico, devemos lembrar que Babilônia aparece desde o início na Bíblia como um centro de oposição a Deus (Gn 11). Babel

se tornou um monumento ao orgulho e à ambição humana e “o local do primeiro sistema organizado de adoração idólatra e falsa”.⁹ Ao edificar uma torre tão alta quanto o céu, os construtores queriam fazer um “nome” para si. Mas Deus desceu, confundiu as línguas e Babilônia caiu pela primeira vez. O que costumava ser chamado de “porta dos deuses” (*bbil*) se tornou um lugar de confusão (*bl*).

Imediatamente após a queda de Babel, Deus chamou Abrão a sair de Ur, situada perto de Babel. Fez uma aliança com ele e Lhe engrandeceu o nome (Gn 12). A lealdade e obediência de Abrão a Deus contrastam com a rebelião e o orgulho de Babel. O mais irônico, porém, é que o “nome” que os construtores de Babel queriam alcançar pelas obras, Abraão recebeu pela fé como dom da graça de Deus. Dois sistemas rivais de salvação se apresentam. Um era impulsionado por obras humanas e promovido por Babel; o outro se baseava na graça de Deus e era aceito pela fé.

Quinze séculos depois, os descendentes de Abraão quebraram a aliança. Por isso, Deus os enviou de volta ao lugar do qual Abraão havia partido. Mas no desespero do exílio, as palavras de Isaías soaram como uma nota de esperança: “Caiu, caiu Babilônia” (Is 21:9). Por fim, a palavra de Deus se cumpriu quando Babilônia caiu nas mãos de Ciro. De fato, “caiu Babilônia” soa como uma ótima notícia, não só porque o inimigo não existe mais, mas também principalmente porque o caminho de volta a Jerusalém está aberto. A cidade de Deus derrotou a cidade dos homens. Babilônia caiu, mas Jerusalém permanece firme!

Logo, a mensagem do segundo anjo usa a linguagem e as imagens da Babilônia do Antigo Testamento para anunciar o fim da Babilônia do tempo do fim (Ap 14:8). Babilônia aparece aqui pela primeira vez em Apocalipse e é seguida por outras cinco menções posteriores no livro (Ap 16:19; 17:5; 18:2, 10, 21). Sua designação como “mistério: Babilônia” (Ap 17:5) revela que deve ser entendida simbolicamente como

Por trás das palavras de julgamento, destruição e castigo, encontra-se uma mensagem de amor, esperança e justiça.

uma confederação global de poderes que proclamam um falso evangelho e fazem guerra contra o povo de Deus. De acordo com a abordagem adventista, a Babilônia consiste no dragão (Ap 12), na besta do mar (Ap 13:1-10) e na besta da terra (Ap 13:11-18). Em outras palavras, esses três poderes representam Satanás e os sistemas animistas com os quais ele controla as pessoas, o cristianismo apóstata liderado pelo papado e o mundo protestante apóstata nos Estados Unidos. A acusação contra Babilônia é que “ela tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição”. Em contraste com o sangue do Cordeiro que aponta para o evangelho eterno da salvação pela fé, o vinho da Babilônia “representa as falsas doutrinas que aceitou, resultantes da união ilícita com os poderosos da Terra”.¹⁰

Com base no que já foi exposto, parece razoável inferir que o catolicismo romano é a única organização global capaz de desempenhar um papel de liderança no estabelecimento da Babilônia do tempo do fim. Caso surja a combinação adequada de condições históricas, políticas, religiosas e econômicas, não deve demorar muito para que tal sistema se torne plenamente operacional. No entanto, deve-se ter em mente que o aspecto central do sistema representado por Babilônia – confiança nas obras humanas, em vez de depender da graça de Deus

– também pode ser detectado nas religiões não cristãs. Assim, o conceito de Babilônia se aplica a todo movimento religioso ou toda ideologia que contradiga o evangelho eterno do Cordeiro.

Portanto, a proclamação global de que “Babilônia caiu” representa a última oportunidade para as pessoas abandonarem um sistema de doutrinas, ensinamentos e estilos de vida falsos que se opõem ao evangelho do Cordeiro.

De modo geral, os adventistas entendem que isso já se cumpriu na rejeição da mensagem do primeiro anjo pela igreja cristã. Mas essa mensagem continua a ser relevante. Como diz Apocalipse 18:4: “Saíam dela, povo meu, para que vocês não sejam cúmplices em seus pecados e para que os seus flagelos não caiam sobre vocês.” Por um lado, essa mensagem adverte de que a confederação global de poderes entrará em colapso e que as pessoas devem deixar a Babilônia e se voltar para o Cordeiro (Ap 17:14). Por outro, apela para o abandono de um sistema derrotado a fim de prestar lealdade e obediência a Jesus. Portanto, o anúncio da queda de Babilônia é uma boa notícia. Assim como a queda da antiga Babilônia abriu caminho para os exilados da Judeia retornarem a Jerusalém, a queda da Babilônia do tempo do fim abre o caminho para a Nova Jerusalém. Enfim, o Cordeiro derrotará o dragão e a cidade de Deus destruirá a cidade dos homens.

A advertência

Assim como o primeiro anjo, o terceiro também faz a proclamação em “alta voz” e aborda a questão da adoração. No entanto, enquanto a primeira mensagem faz um apelo à verdadeira adoração, a terceira adverte contra a falsa. Além disso, a terceira mensagem também anuncia um juízo. Porém, diferentemente da primeira mensagem, a qual fala de um julgamento que já começou e vindicará o povo de Deus, a terceira mensagem alude ao juízo executivo

futuro que levará à destruição da besta e de seus adoradores. Aliás, a mensagem do terceiro anjo começa e termina com a advertência severa de que aqueles que adoram a besta e sua imagem, recebendo, assim, sua marca enfrentarão o juízo final de Deus.

Considerando a gravidade dessa mensagem, é importante identificar quem é a besta e qual é a natureza de sua marca. Para entender essas questões, deve-se recorrer a Apocalipse 13, que apresenta uma descrição de duas bestas. Uma besta emerge do mar e exerce domínio por 42 meses. Ela se recupera de uma ferida mortal, blasfema o nome de Deus, opõe-se aos que moram no Céu e recebe a adoração dos habitantes da Terra. À medida que a visão se desenrola, uma segunda besta aparece. Ela emerge da terra e obriga seus moradores a fazer uma imagem para a primeira besta e a adorá-la sob pena de morte.

Desde a Reforma, os intérpretes historicistas têm apontado para a igreja medieval como o referente histórico da besta do mar e do chifre pequeno.¹¹ As características seguintes dessa entidade merecem destaque: abandono das Escrituras, o poder exercido pelo papado e o sistema de adoração que ele promove.

Em primeiro lugar, o Concílio Vaticano II afirma que “não é apenas das Sagradas Escrituras que a igreja tira a sua certeza sobre tudo o que foi revelado. Portanto, tanto a sagrada tradição quanto as Sagradas Escrituras devem ser acolhidas e veneradas com o mesmo sentido de lealdade e reverência”.¹²

Em segundo lugar, a besta blasfema contra Deus, pois toma o lugar que pertence a Cristo. Por exemplo, o Catecismo afirma que “o Romano Pontífice, em razão de seu ofício de Vigário de Cristo e de pastor de toda a igreja, tem poder pleno, supremo e universal sobre toda a igreja, poder este que ele sempre pode exercer sem impedimentos”.¹³ A confusa identificação do papa com Cristo continua a

ser um importante princípio teológico do papado.

Em terceiro lugar, a adoração promovida pelo catolicismo romano repousa sobre o fundamento dos sacramentos, que se opõem ao evangelho bíblico. Além disso, “a igreja romana exerce os ofícios reais, sacerdotais e proféticos de Cristo no sentido literal e vicário: por meio dos sacerdotes que agem *in persona Christi* (na pessoa de Cristo), a igreja governa o mundo, dispensa a graça e ensina a verdade”.¹⁴ Assim, pela contínua reapresentação do sacrifício de Cristo na missa, o catolicismo viola a singularidade e a completude soteriológica da cruz e do ministério de intercessão de Cristo no santuário celestial.

Quarto, o sistema de culto católico romano culmina na missa dominical e na celebração da eucaristia. Como afirma o Catecismo: “O domingo é o dia preeminente da assembleia litúrgica, quando os fiéis se reúnem para ouvir a palavra de Deus e participar da eucaristia, recordando assim a paixão, a ressurreição e a glória do Senhor Jesus, dando graças a Deus que os regenerou, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma viva esperança.”¹⁵

Após as considerações acima, pode-se ter a impressão de que o terceiro anjo traz apenas uma mensagem de juízo e condenação contra aqueles que adoram “a besta e sua imagem”. Tal impressão, porém, não transmite toda a verdade. A realidade é que a proclamação do terceiro anjo subentende que, à medida que o conflito entre o Cordeiro e a besta se intensifica, ainda há tempo para aqueles que estão do lado errado se voltarem para o Cordeiro. De fato, a advertência contra a adoração da besta é, em última instância, um convite para adorar o Cordeiro. Somente o Cordeiro é capaz de prover justiça, segurança e garantia de salvação. É possível que Ellen White tivesse isso em mente quando comentou: “Vários me escreveram, perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo, e tenho respondido: ‘Com certeza é a mensagem

do terceiro anjo”¹⁶ Em suma, a terceira mensagem angélica destaca o fato de que, ao contrário da besta e dos outros poderes que compõem a falsa trindade, somente o Cordeiro pode oferecer justiça e salvação eterna.

Implicações missiológicas

Como as três mensagens angélicas podem ser efetivamente proclamadas em todo o mundo? À primeira vista, esse desafio parece intransponível. Afinal, a linguagem e as imagens relacionadas às mensagens (anjos, Babilônia, bestas) podem parecer sem sentido e irrelevantes para as sociedades seculares ou pós-cristãs. No entanto, essa barreira cultural pode ser superada em um segundo olhar, conforme sintetizo a seguir:

1) As três mensagens angélicas devem ser proclamadas não porque levarão conforto para as pessoas, mas, sim, porque são verdadeiras;

2) Os eventos proféticos, embora inicialmente restritos a tempos e lugares específicos, passam a ter desdobramentos globais. Os teólogos cunharam a expressão “o escândalo da particularidade”.¹⁷ Essa expressão significa que, quando a salvação divina desceu à humanidade, Jesus não veio como um ser humano genérico; em vez disso, Ele veio como um indivíduo “particular” – um judeu do primeiro século. É por meio dessa “particularidade” que Deus alcança objetivos universais (Gl 4:4);

3) Considerando que os seres humanos foram criados à imagem de Deus, há semelhanças suficientes entre eles para tornar possível a comunicação intercultural. Essa comunicação deve ser feita com sensibilidade ao idioma e à cultura;

4) Não há barreira cultural que o Espírito Santo não seja capaz de vencer. Como disse Ellen White: “O Espírito do Senhor abençoará universalmente e com tanta graça os instrumentos humanos consagrados que homens, mulheres e crianças abrirão os lábios em louvor e testemunho, enchendo a Terra com o conhecimento de Deus e com

Sua glória insuperável, como as águas cobrem o mar.”¹⁸ 

Referências

- ¹ Daniel L. Akin, *Exalting Jesus in Revelation, Christ-Centered Exposition Commentary* (Nashville, TN: Holman Reference, 2016), Ap. 14:6-7.
- ² Gerhard Maier, *Die Offenbarung Des Johannes: Kapitel 12-22* (Witten; Giessen: SCM R. Brockhaus; Brunnen Verlag, 2018), p. 146.
- ³ Michael Reeves, *Rejoice & Tremble: The Surprising Good News of the Fear of the Lord* (Wheaton, IL: Crossway, 2021), p. 16.
- ⁴ Francis D. Nichol, ed., *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 7, p. 1094.
- ⁵ H. Richard Niebuhr, *The Kingdom of God in America* (Nova York: Harper & Row, 1937), p. 197.
- ⁶ John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, trad. Henry Beveridge (Edinburgh: The Calvin Translation Society, 1845), v. 2, p. 564.
- ⁷ Gerhard F. Hasel, “The Resurrection: Myth or Reality?”, *Perspective Digest* 1(1996), p. 39.
- ⁸ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 223.
- ⁹ Daniel L. Akin, *Exalting Jesus in Revelation*, eds. Daniel L. Akin, David Platt e Tony Merida, *Christ-Centered Exposition Commentary* (Nashville, TN: Holman Reference, 2016), Ap. 14:8-11.
- ¹⁰ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 330.
- ¹¹ Martinho Lutero, João Calvino e outros reformadores identificaram a besta com o papado da Igreja Católica Romana.
- ¹² Second Vatican Council, *Dei Verbum*, n. 9, citado por: Mark J. Zia, *The Faith Understood: An Introduction to Catholic Theology* (Steubenville, OH: Emmaus Road Publishing, 2013), p. 59.
- ¹³ Catholic Church, *Catechism of the Catholic Church*, 2 ed. (Vatican City: Libreria Editrice Vaticana, 1997), p. 234.
- ¹⁴ Leonardo De Chirico, *Same Words, Different Worlds* (Londres: Inter-Varsity, 2021), p. 16, edição do Kindle.
- ¹⁵ Catholic Church, *Catechism of the Catholic Church*, p. 302.
- ¹⁶ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), v. 1, p. 314.
- ¹⁷ Thomas C. Oden, *Life in the Spirit: Systematic Theology* (São Francisco, CA: HarperSanFrancisco, 1992), v. 3, p. 365.
- ¹⁸ Ellen G. White, *Manuscript Releases* (White Estate, 1993), v. 2, p. 21.

ELIAS BRASIL DE SOUZA
diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista



NOVOS TEMPOS, MESMA MISSÃO

A comunicação digital a serviço da pregação

Odailson Fonseca



O microfone foi inventado em 1877 pelo alemão Emile Berliner. Tempos depois, a patente foi comprada por Alexander Graham Bell, o qual aperfeiçoou o aparelho e o tornou funcional. Ele literalmente deu “voz” para as pessoas. Essa e outras tecnologias mais recentes sempre produziram incômodo em muita gente. Ainda no século 19, os bancos ingleses rejeitaram por mais de 50 anos o uso da caneta esferográfica só por causa da tradição de se utilizar canetas tinteiro. Acreditava-se que assinar o nome em um talão de cheques com uma caneta esferográfica seria disruptivo demais, assim como “dar voz” para qualquer pessoa por meio de um microfone. Certamente, a modernidade trouxe seus impasses.

Os tempos mudaram e percebemos que, do microfone, vieram tecnologias mais poderosas e sofisticadas. E nós – pastores e anciãos –, estamos envolvidos entre essas tecnologias de velhas e novas gerações. Você já conhece várias destas novidades: internet, redes sociais, metaverso, inteligência artificial, entre outras. Hoje, somos 5 bilhões de usuários na internet, consumindo em média seis horas por dia, navegando por quase dois trilhões de sites que movimentam 5 trilhões de dólares de faturamento por ano.

Ellen White escreveu: “Diferentes maneiras aparecerão para alcançar os corações. Alguns dos métodos usados nessa obra serão diferentes dos métodos usados no passado, no entanto, ninguém, por causa disso, poderá bloquear o caminho pela desaprovação.”¹ O que isso quer dizer? Vamos precisar lidar com novos equipamentos, sair da zona de conforto e ampliar nossa missão. Por isso, quando ouvimos que “mediocridade é esperar resultados diferentes, fazendo tudo do jeito como sempre fizemos”, somos obrigados a nos adaptar às novas oportunidades e ferramentas com prudência, equilíbrio e ousadia.

O que é missão hoje? É apresentar uma verdade que não muda, mudando sempre a apresentação da verdade. Vivemos novos tempos e, inevitavelmente, lidamos com uma palavra que virou algo normal: *influencers*. Na verdade, todos nós influenciemos alguém. O Brasil é o país com o maior número de influenciadores digitais. Temos mais influenciadores digitais com dez mil seguidores do que o número de engenheiros, dentistas e arquitetos no país. É como ouvi, certo dia, em uma palestra: “A maior moeda do momento é a capacidade de comunicação.” Dizem por aí que, com cinco seguidores nas redes sociais, já somos *influencers*! Ellen White reforça esse fato: “Todo o indivíduo exerce uma influência na sociedade.”² Como podemos cumprir a missão nesse contexto? Quero elencar sete pontos importantes sobre a comunicação digital a serviço da missão.

Posse

O primeiro ponto é que a rede social deixa de ser um lugar de partilha para se tornar um ambiente de posse. Hoje não é só um ambiente de divulgação ou de amizade. Afinal, até as redes sociais monetizam gerando ativos. E, quando há faturamento, cada um pensa em si mesmo. Isso é “ambição monetizável”! Corremos o risco de virar meros fantoches nas mãos dos outros. Atualmente, nas redes sociais, manipulamos e somos manipulados. E isso é um desafio. A palestrante Marta Gabriel resume: “Se você não quer ser substituído por um robô, então não seja um robô.” Infelizmente, o mundo se tornou uma bolha porque os algoritmos nos envolvem com pessoas que se parecem conosco.

Eu tenho um ministério digital e aprendi uma coisa recentemente: quando você coloca um texto leve, consegue facilmente novos seguidores. Mas, quando você coloca um texto falando sobre princípios, obediência, fidelidade e honestidade, inevitavelmente

perderá seguidores. Eu estava preocupado com isso e falei com um profissional da área que me resumiu o que é rede social. Ele disse: “Pastor, eles não seguem você. Eles seguem eles mesmos através de você.” Que desafio sermos a luz do mundo nesse lugar!

Hiper

Surge a segunda característica no mundo digital hoje: o hiper. Nós estamos vivendo a geração da hipervisibilidade, hipere Exposição e hipervigilância. Isso muda o nosso comportamento nas redes sociais. Primeiro, no mundo hiper encaramos a escassez de calma, de paz, de pensamento crítico. Por outro lado, nas redes sociais, existe uma perda total da individualidade. Quem somos nós no mundo digital?

Há pouco me deparei com uma matéria sobre a vida mental e emocional dos jovens e adolescentes. Após o coronavírus, os índices de depressão, suicídio e automutilação cresceram muito em nossos colégios, nas redes sociais, na sociedade em geral.³ Vi outra notícia revelando o crescimento do número de jovens que dizem não ter amigos.⁴ Isso significa que há um desespero generalizado – social e digital. Inclusive, surge a expressão chamada FOMO, que vem das palavras em inglês “fear of missing out”. Traduzindo, é o medo de desaparecer, de ficar de fora das novidades, de não acompanhar as notícias. Na sociedade do hiper, as redes sociais nos envolvem com outras palavras como *ghosting*, *stalk*, *bullying*, *nude*, *clickbait* e por aí vai. O escritor Stephen Covey já dizia: “A tecnologia vai reinventar o negócio, mas a relação humana continuará sendo a chave do sucesso.” Gosto disso porque nada substitui o ser humano, a visitação presencial e o abraço acolhedor. Mas vivemos o momento difícil da “ditadura da virtude”, ou seja, estamos sempre bem, sorrindo, magros, felizes, bem alimentados e viajando. Nas redes sociais não há o direito de mostrar infelicidade.

Com a ditadura da virtude, surgiu também uma insanidade contagiosa chamada *fake news*. Segundo um estudo do MIT, uma notícia falsa é 70% mais compartilhada. Enquanto isso, a verdade leva seis vezes mais tempo para alcançar 1500 pessoas.⁵ Ou seja, Mark Twain acertou ao dizer: “A mentira dá uma volta ao mundo enquanto a verdade tenta calçar os sapatos.” Há quem diga que nem foi Mark Twain o autor dessa frase. Seria essa mais uma *fake news*? Precisamos tomar cuidado e “abrir os olhos”.

Pornografia

Esse terceiro ponto também nos desafia em tempos digitais. Durante a pandemia da Covid-19, a procura por sites pornográficos

Há submundos escondidos no subterrâneo das navegações on-line. E nenhum líder está isento dessas tentações.

Ódio

Este tópico é o dinheiro de troca do momento. Se a comunicação é uma moeda, o ódio virou o câmbio. A Bíblia diz: “As rixas são como as trancas das portas de um castelo” (Pv 18:19). Vivemos em tempos de violência. Enquanto escrevo este texto, assisto à notícia de um norueguês que queimou um exemplar do Alcorão em praça pública e acabou sendo perseguido e capotando o carro. Essa é a cultura de hoje. Ellen White escreveu: “A voz e a língua são dons de Deus, e se usados corretamente,

a verdade, e deixar que as ideias estranhas se extingam por falta de atenção.”¹² E acrescentou: “Não se detenham nos pontos negativos das questões que surgirem, mas reúnam na mente verdades afirmativas e fixem-nas mediante muito estudo, oração fervorosa e consagração de coração.”¹³

Com isso, não vamos “chamar o pecado pelo nome”? Sem dúvida, mas sem o “sobrenome” do negativismo, da irritação, da intolerância ou da agressividade digital. Mostremos o lado positivo que temos e somos. A caravana segue, a igreja avança. Portanto, vivamos sob a bandeira da paz e da misericórdia.

Foco

O quinto ponto é o foco. Aquilo que você curte no metaverso, por exemplo, valida você. Cuidado com a exposição digital, porque uma curtida revela o que você gosta e com que você concorda. Esta frase é forte, mas verdadeira: “Todo o fogo amigo favorece o inimigo.” Por isso, há que se preocupar com a reputação institucional.

Recentemente, uma mulher processou a empresa na qual trabalhava e ganhou o processo trabalhista após o depoimento de duas testemunhas. No entanto, ao saírem do tribunal, elas postaram uma dança no *Tik Tok* e o vídeo viralizou. A juíza descobriu que a mulher era amiga das testemunhas e anulou o depoimento delas, além de aplicar uma multa por litigância de má-fé.

Há um tempo, a Divisão Sul-Americana emitiu um documento sobre procedimentos nas redes sociais. Não devemos fazer uso de comentários ofensivos e de insultos de cunho étnico, religioso ou político-partidário, nem tampouco produzir difamações contra pessoas e instituições. Devemos tomar cuidado com assuntos polêmicos, como política, fé e religião. A determinação é que se evite discussões no ambiente virtual. Brigas aumentam o tráfego, mas não produzem benefícios à imagem e à reputação da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Meu pedido aos líderes é que usem o bom senso ao abordar temas sensíveis.



Cuidado com a exposição digital, porque uma curtida revela o que você gosta e com que você concorda.

aumentou 600%.⁶ E uma pesquisa recente do Quantas diz que, 69% de 22 milhões de brasileiros que acessam pornografia, são casados.⁷ Além disso, segundo o Instituto Barna, a pornografia alcança 57% de pastores seniores, enquanto a média da população geral do mundo é 47%.⁸

Observe este texto: “Pensamentos poluídos abrigados se tornam hábito, e a alma fica suja e se corrompe. [...] As torrentes que saem dessa fonte poluída passam a corromper outros. Sua influência é uma desgraça.”⁹ Em outra citação impressionante, Ellen White nos alerta: “Abstenham-se de ler e ver coisas que inspirem pensamentos impuros. Cultivem as faculdades morais e intelectuais.”¹⁰

Esse é um assunto importante para ser avaliado, observado e orientado.

são um poder divino. As palavras significam muitíssimo. [...] Revelam os sentimentos do coração. [...] A língua é um mundo de bênção ou um mundo de iniquidade.”¹¹

Infelizmente, hoje existe um segredo para viralizar na internet: é só mexer com indignação, desrespeito, preconceito, insulto, ódio e medo. O pugilista Mike Tyson resumiu isso, do seu modo, ao afirmar que “as redes sociais deixaram as pessoas muito confortáveis em desrespeitarem o próximo e sem nem levarem um soco na cara.” Precisamos cuidar com postura, postagens e polêmicas. Nesse assunto, cabe a ilustração de que os bombeiros até discutem no quartel, mas bombeiros não apagam fogo com gasolina. Ellen White afirmou: “A melhor maneira de lidar com o erro é apresentar

Estamos vivendo momentos extraordinários da igreja. Porém, Satanás quer causar dissensões e problemas. O nosso desafio é ser menos porta-bandeira e mais porta-voz. E se tivermos dúvidas, viremos porta-luvas! Não precisamos ficar falando o tempo todo. “Aquele que é descuidado e precipitado em proferir palavras ou em escrevê-las para publicação [...], emitindo expressões que nunca mais poderão ser retiradas, está-se desqualificando para receber o legado da sagrada obra.”¹⁴

Missão

Charles Spurgeon alertou: “Chegará o dia em que, no lugar de pastores alimentando ovelhas, haverá palhaços entre-tendo bodes.” Verdade forte e relevante. Isso nos leva a concluir que um influenciador que não gera mudança para o bem é apenas um passatempo. Precisamos conhecer nosso papel na missão de Deus. A forma como propagamos a verdade precisa ser coerente e eficaz. Ellen White escreveu: “Conquanto nossas palavras devam sempre ser bondosas e ternas, não deve ser pronunciada nenhuma palavra que leve um malfeitor a pensar que sua maneira de viver não seja objetável a Deus.”¹⁵ Aqui vem a palavra mais importante deste texto: equilíbrio. Equilíbrio em sermos sal da terra e não pimenta-do-reino – mas, também, não sermos “farinha do mesmo saco”, como dizia minha mãe. Isso é sabedoria que vem do Céu.

É bom lembrarmos de dois exemplos bíblicos. Uzá ficou tão apavorado quando viu a arca caindo que quis ajudar a Deus. Desobedeceu a ordem divina e morreu por isso. E Eli, por outro lado, era tão sonolento e displicente com seus filhos, que também morreu. Ou seja, de um lado havia o zelo desobediente. Do outro, o sacerdote que dizia: “Faça o que você quer, do jeito que você quer e está tudo certo.” Ambos estavam errados.

Sobre bom senso, clareza e cuidado, a Bíblia diz: “De onde procedem as guerras e brigas que há entre vocês? De onde, senão dos prazeres que estão em conflito

dentro de vocês?” (Tg 4:1). Existem guerras dentro de nós que são movidas pela prepotência, orgulho, arrogância e soberba. Cuidemos! “As palavras são mais que um indício de caráter; elas têm poder para reagir sobre o caráter. As pessoas são influenciadas por suas palavras. Muitas vezes, levadas por um impulso momentâneo, instigadas por Satanás, dão expressão ao ciúme ou às más suspeitas.”¹⁶

Pesca

Termino com o sétimo conceito: redes sociais são como redes de pesca. É para pescar, não para enroscar. Se você quer desenvolver um ministério digital maravilhoso, faça um planejamento, monitore as suas redes, controle o seu tempo sem exageros, seja autêntico, não imite ninguém (porque os outros já existem), milite pela relevância e tenha regularidade. O sonho de Deus é que nos apoiemos e nos integremos, com menos “lacração” e menos críticas. Lembre-se de que o silêncio é ouro também nos embates digitais.

Oremos muito para que possamos ser integrados no real e no virtual. Até porque o evangelho está sendo pregado, sim, no real e no virtual. Ellen White escreveu: “As invenções da mente humana parecem proceder da humanidade, mas Deus está atrás de tudo isso. Ele fez com que fossem inventados os rápidos meios de locomoção para o grande dia de Sua preparação.”¹⁷ Portanto, não demonizemos o veículo. Que venham as novas tecnologias, as ferramentas de inteligência artificial, enfim, todo o líder também é um microfone. Microfone? Exato, para alcançar mais pessoas. Não há problema em um equipamento novo ser usado para apressar a volta de Cristo.

Usemos todos os *devices* possíveis, todos os *gadgets* possíveis e todas as telas possíveis para falar de Jesus e mostrar nossa identidade profética. Que as novas gerações olhem para as demais gerações e vejam nelas o exemplo de tranquilidade, paz e amor, sem perder a firmeza e a clareza da verdade. **IV**

Referências

- 1 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 7, p. 24.
- 2 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 387.
- 3 Alana Gandra, “Pandemia Afeta Saúde Mental de Crianças e Jovens, Dizem Psiquiatras”, *Agência Brasil*. Disponível em <link.cpb.com.br/99afe9>, acesso em 4/7/2023.
- 4 “Número de Adolescentes que Dizem não ter Amigos Cresce no DF, Aponta Pesquisa”. Disponível em <link.cpb.com.br/341f61>, acesso em 4/7/2023.
- 5 Peter Dizikes, “Study: On Twitter, False News Travels Faster Than True Stories”, *MIT News*. Disponível em <news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308>, acesso em 4/7/2023.
- 6 “Pornografia na Pandemia”. Disponível em <avalanchemissões.org/pornografia-na-pandemia/>, acesso em 4/7/2023.
- 7 “22 Milhões de Brasileiros Assumem Consumir Pornografia e 76% são Homens, diz Pesquisa”. Disponível em <osul.com.br/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa/>, acesso em 4/5/2023.
- 8 Thiago Chagas, “Pornografia é Problema Presente Entre Pastores em Número Acima da Média, Revela Pesquisa”, *Gospel+*. Disponível em <link.cpb.com.br/94d750>, acesso em 4/7/2023.
- 9 Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), v. 1, p. 169.
- 10 Ellen G. White, *Conselhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 110.
- 11 Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), v. 2, p. 572.
- 12 Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 165.
- 13 Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 141.
- 14 White, *Obreiros Evangélicos*, p. 327.
- 15 White, *Mente, Caráter e Personalidade*, v. 2, p. 579.
- 16 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 252.
- 17 Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 409.

Nota: Este artigo é uma adaptação da palestra apresentada pelo autor no Concílio de Pastores da União Central Brasileira, em julho de 2022.

ODAILSON FONSECA

Líder de comunicação da Igreja Adventista para o estado de São Paulo



EVANGELISMO EFICAZ

A integração entre o
processo e o evento

Rafael Rossi

No fim de 2006, fui eleito evangelista pela primeira vez e decidi realizar uma campanha de 45 noites, iniciando com o tradicional curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”, seguido por uma semana dedicada a temas sobre família e, na sequência, fiz uma série de temas proféticos durante 30 dias. Nos primeiros dias da campanha, convidei um evangelista experiente para me ajudar a aprimorar o planejamento e a programação. Antes mesmo de começar a reunião naquela noite, enquanto eu explicava os temas e a sequência programada, ele me disse: “Rafael, quando comecei meu ministério, as séries não duravam apenas 45 noites, mas 120!”

Após conversar com os pastores da cidade e com minha equipe, decidimos que um período maior de reuniões seria inviável. Além disso, percebi que, naquela época, a maioria das campanhas de evangelismo já não eram tão longas como nos anos anteriores. Os períodos foram reduzidos de quatro meses ininterruptos para 108 dias, depois 90 dias e continuaram sendo reduzidos até chegarem a 45 dias, 30 dias, 15 dias, uma semana de colheita e, por fim, a caravana, com uma única reunião pública.

O processo de evangelismo é fundamental para o sucesso de uma campanha evangelística. Ele envolve ações prévias que são essenciais para a criação de bases para a colheita. Porém é importante lembrar que o evento em si não é suficiente para alcançar a conversão das pessoas. É necessário que haja um processo contínuo que envolva o engajamento da igreja, a preparação do terreno para a semeadura e a manutenção do contato com as pessoas após o evento. Nas escolas de evangelismo que acontecem com pastores e líderes de toda a América do Sul estão sendo enfatizados sete fundamentos para a ação missionária dentro de um processo: consagração, coordenação, compaixão, conexão, cultivo, colheita e continuidade.

Além disso, é importante destacar que o evangelismo público não deve ser uma programação isolada dentro do calendário da igreja. Ele deve fazer parte de um processo maior de evangelismo, que envolve outras atividades missionárias funcionais dentro da igreja, como

visitação, estudos bíblicos, discipulado e ações sociais. Essas atividades são fundamentais para fortalecer a igreja local e criar um ambiente favorável para a colheita.

Por isso, o planejamento de uma campanha de evangelismo deve levar em consideração não apenas o evento em si, mas todo o processo que o antecede e que o sucede. É preciso pensar em estratégias que permitam a continuidade do contato com as pessoas após o evento, para que elas sejam disciplinadas e integradas à igreja.

É importante ressaltar que a efetividade do evangelismo público não depende apenas da duração da campanha, mas também do planejamento cuidadoso do processo e do evento. Os evangelistas devem estar atentos aos detalhes para maximizar as chances de sucesso e alcançar o objetivo de converter pessoas. Se for realizado de forma planejada, o evangelismo público se torna uma das ferramentas mais fortes de missão que a igreja possui, e sua relevância e força são potencializadas.

Evento dentro do processo

Antigamente, as campanhas de evangelismo eram mais longas e permitiam que o processo de conversão ocorresse gradualmente durante o evento. No entanto, com a diminuição do tempo e da frequência dessas campanhas, muitas vezes não há tempo suficiente para que o processo aconteça de forma paralela. Nesse sentido, uma nova mentalidade evangelística é necessária para atender às demandas do mundo contemporâneo. Não podemos mais depender exclusivamente do evangelismo público como o evento principal. É preciso gerar mobilização missionária prévia na comunidade local para criar um ambiente propício à conversão.

Como evangelista que lidera campanhas de curta duração, tenho me preocupado mais com o que está acontecendo na igreja antes da minha chegada do que com o próprio evento. Acredito que a preparação seja fundamental para o sucesso de qualquer campanha de evangelismo público. Para engajar a igreja nesse processo, tenho utilizado um projeto intitulado “12 Semanas para Impactar a Sua Igreja”, que consiste em um guia com um passo a passo de ações

simples para fortalecer o processo de conversão e preparar o evento público dentro de um ciclo de colheita. O objetivo é tornar o evangelismo parte da rotina da igreja, e não apenas um evento isolado.

Durante todo o meu ministério como pastor e evangelista, sempre senti a necessidade de fortalecer o processo de preparação das igrejas para as séries de evangelismo. Infelizmente, em muitos casos, não pude acompanhar de perto o processo de preparação da igreja, e quando chegava para o evento, descobria que a igreja não estava totalmente preparada para uma semana de evangelismo e colheita. Em vez disso, a igreja havia se preparado apenas para uma semana de sermões. Não havia mobilização missionária, classes bíblicas, duplas missionárias, instrutores bíblicos ou eventos para despertar novos interessados. Os departamentos da igreja não estavam com a agenda de atividades voltada para a missão e, conseqüentemente, não havia pessoas preparadas para o batismo.

Com frequência, tenho visto igrejas se prepararem com muito entusiasmo e dedicação para uma semana de evangelismo, mas acabam transformando essa semana em um evento de semeadura, e não de colheita. Isso acontece quando a preparação para o evangelismo se limita a organizar uma programação de sermões e convidar um evangelista para pregar.

No entanto, o processo do evangelismo não pode ser dividido entre semeadura e colheita. Enquanto estamos semeando, também estamos colhendo e, enquanto estamos colhendo, também estamos semeando. O processo é contínuo e não se resume a um evento específico.

Foco na preparação

A preparação para o evangelismo deve ser um processo contínuo e integrado a todas as atividades da igreja. Isso inclui a mobilização dos membros para evangelizar em suas comunidades, a criação de oportunidades para estudar a Bíblia com interessados, a abertura de classes

de discipulado para novos convertidos e a promoção de eventos que despertem o interesse de pessoas na mensagem do evangelho.

Quando a igreja está verdadeiramente envolvida no processo do evangelismo, a semeadura e a colheita se tornam uma coisa só. Os membros se tornam evangelistas ativos em suas comunidades e a preparação para o evangelismo se torna uma parte natural e integrada da vida da igreja. Por isso, é fundamental que os membros estejam preparados não apenas para uma semana de evangelismo, mas para uma vida de evangelismo. Quando isso acontecer, veremos a colheita abundante que Deus deseja, pois cada pessoa estará engajada em levar a mensagem do evangelho e, assim, muitos corações serão tocados e transformados pelo amor de Cristo.

Eu acredito que a preparação adequada é essencial para um evangelismo eficaz e uma colheita abundante. É importante que as igrejas estejam completamente envolvidas no processo de preparação para uma série de evangelismo. Isso também inclui a mobilização de todas as classes da Escola Sabatina e de todos os departamentos da igreja, bem como a capacitação de líderes e membros para compartilhar sua fé com outras pessoas. Podemos usar diferentes metodologias e abordagens, porém o mais importante é que sejam implementadas as ações missionárias.

A preparação também deve incluir a utilização de materiais de evangelismo eficazes, a organização de eventos de capacitação para os membros da igreja, bem como a identificação e o cultivo de pessoas interessadas na mensagem do evangelho. Quando as igrejas estão totalmente preparadas, elas podem efetivamente cumprir sua missão de alcançar muitas pessoas para o reino de Deus. Portanto, sempre enfatizo a importância da mobilização total da igreja no processo de evangelismo. Acredito que, quando os membros da igreja estão preparados e envolvidos, Deus pode usá-los para levar a mensagem do

evangelho a muitos corações e transformar vidas para Sua glória.

Quando trabalhamos o processo de evangelismo de forma cuidadosa, as conversões acontecem de maneira mais natural e orgânica, com pessoas devidamente preparadas e conscientes da importância do discipulado. Ao contrário, quando o evangelismo público é tratado como um evento isolado, há uma tendência de depender do carisma do orador, da infraestrutura e da logística para trazer pessoas ao auditório, além da presença de cantores conhecidos para estimular o público. Quando o foco está apenas no evento em si, existe o risco de batizar pessoas que não estão realmente preparadas para seguir a fé cristã, o que pode levar ao conceito equivocado de que o evangelismo público não funciona mais.

O resultado disso é que acabamos comprometendo a próxima geração de evangelistas e desvalorizando a importância do processo de conversão. É importante lembrar que o objetivo do evangelismo não deve ser apenas gerar resultados imediatos, mas sim, desenvolver discípulos fiéis e comprometidos com a propagação da Palavra de Deus. Portanto, é fundamental que a igreja adote uma mentalidade evangelística mais holística e esteja empenhada em trabalhar o processo de evangelismo de forma cuidadosa e sustentável. Isso pode ser alcançado por meio de iniciativas simples, como o projeto “12 Semanas para Impactar a Sua Igreja”, que procura fortalecer o processo e preparar o evento público dentro de um ciclo de colheita.

Perspectiva de missão

É importante esclarecer que, neste artigo, o termo evangelista não se refere apenas àqueles que receberam uma nomeação formal para exercer essa função, mas sim a todos os que estão envolvidos na liderança e condução de campanhas de evangelismo. Para fins organizacionais, o pastor distrital é considerado o evangelista das igrejas que lidera.

O evangelista desempenha papel fundamental na expansão e consolidação das iniciativas missionárias nas igrejas locais. O evangelista deve ter um amor profundo pelas pessoas e uma paixão pela transformação de vidas por meio da mensagem do evangelho. Essa paixão deve ser expressa em um compromisso de levar a Palavra de Deus a todas as pessoas, independentemente dos desafios e obstáculos que possam surgir.

Além disso, o evangelista deve ter um compromisso com o discipulado. A missão do evangelista não é apenas pregar o evangelho, mas também ajudar as pessoas a crescer na fé e a se tornarem seguidores de Cristo. O evangelismo não se resume apenas a pregar, mas também implica em auxiliar as pessoas a crescer espiritualmente, desenvolvendo uma relação mais profunda com Deus. Ao promover esse crescimento, o evangelista contribui para a formação de cristãos maduros, que desenvolvem raízes profundas em seu relacionamento com Deus e, conseqüentemente, estão mais preparados para enfrentar os desafios da caminhada cristã.

Nesse sentido, o evangelismo se torna uma ferramenta essencial para ajudar as pessoas a alcançar a maturidade espiritual e a ter um encontro genuíno com Deus. O evangelista não deve apenas transmitir informações e conhecimentos, mas também se dedicar a estabelecer uma conexão emocional e pessoal com aqueles que estão sendo evangelizados, ajudando-os a superar suas dúvidas, medos e inseguranças.

Como propagador do crescimento e da qualidade, é papel do evangelista promover o desenvolvimento da igreja, não só em número de membros, mas também em qualidade espiritual e relacional. É fundamental buscar o equilíbrio entre esses dois aspectos para alcançar o sucesso na missão. O evangelista deve trabalhar em conjunto com todas as áreas da igreja, promovendo a integração e a cooperação entre os diferentes ministérios e grupos.

A visão do evangelismo integrado é convergente, ajustando o foco de cada área para a missão. Quando todos apontam na mesma direção, alcançamos a unidade que potencializa os nossos esforços e nos faz avançar mais rapidamente.

A integração com os meios de comunicação é uma ferramenta valiosa que temos à disposição, graças à Rede Novo Tempo de Comunicação. Existe um grupo de pessoas que se considera parte da igreja, mesmo sem ter comparecido fisicamente a um culto no templo, o que demonstra o poder do evangelismo digital. Especialmente durante a pandemia, intensificamos nossos esforços nessa área, com o objetivo de alcançar um número cada vez maior de pessoas.

O evangelismo deve se adaptar às mudanças culturais e tecnológicas, produzindo materiais relevantes e atualizados, bem como promovendo eventos como os cultos de domingo à noite. O departamento de Evangelismo da Divisão Sul-Americana lançou uma série de evangelismo completa que está disponível em seu site (link.cpb.com.br/a63cbb).


É fundamental que o evangelista trabalhe para garantir a permanência dos novos membros na igreja, combatendo a ideia de que muitos são batizados, mas logo se afastam. Os evangelistas precisam estar dispostos a arriscar e desenvolver projetos inovadores e audaciosos, visando alcançar um maior número de pessoas com a mensagem do evangelho.

O evangelista deve priorizar a construção de relações sólidas e de confiança entre os membros da igreja, estabelecendo a comunhão como alicerces para o sucesso da missão. O papel do evangelista é fundamental para a expansão e fortalecimento das igrejas locais. Ao seguir estes princípios, os evangelistas estarão mais aptos a promover o crescimento das comunidades eclesiais e a propagação da mensagem do evangelho, enriquecendo a vida espiritual de cada membro e impactando o mundo com a mensagem transformadora da Palavra de Deus.

Por fim, o evangelista deve ter uma visão de longo prazo para a missão. A promoção do evangelho é um trabalho que exige tempo, esforço e paciência. O evangelista deve estar comprometido em trabalhar com a igreja para estabelecer uma presença missionária duradoura em uma determinada área, cultivando relacionamentos e construindo pontes para a mensagem do evangelho.

Conclusão

O evangelismo público é uma ferramenta essencial para a propagação da mensagem do evangelho, mas para que seja eficaz, é fundamental que seja integrado a um processo maior de envolvimento dos membros e de projetos missionários. O evento em si não é suficiente para alcançar a conversão das pessoas. É necessário que haja um processo contínuo, que envolva o engajamento da igreja, a preparação do terreno para a semeadura e a manutenção do contato com as pessoas após o evento.

O evangelista desempenha papel fundamental na expansão e consolidação das iniciativas missionárias nas igrejas locais. Ele deve ter compromisso com o discipulado e promover o crescimento da igreja, tanto em quantidade quanto em qualidade. A busca por equilíbrio entre os dois aspectos é essencial para o sucesso da missão. A preparação da igreja para o evangelismo, a produção de materiais contextualizados e modernizados, o foco na continuidade, projetos ousados e inovadores, e o fortalecimento da comunhão como base para a missão são alguns dos princípios que devem ser seguidos pelos evangelistas para promover a expansão e fortalecimento da missão nas igrejas locais e no estabelecimento de novas congregações. 

RAFAEL ROSSI

evangelista da Igreja
Adventista para a América
do Sul





COMO SOMOS JUSTIFICADOS?

O significado de obras da lei em Gálatas 2:16

Kim Papaioannou

A expressão “obras da lei” aparece nas cartas de Gálatas e Romanos escritas por Paulo e descreve um sistema por meio do qual alguns cristãos tentavam obter a justificação.¹ Mas o que são as obras da lei? Paulo não explica. Hoje, há um consenso quase universal de que essa expressão se refere à obediência à Lei de Deus e/ou um compromisso para com outras boas obras que visem obter a salvação. Na Nova Versão Internacional, de 1984, isso é descrito como “prática da lei” (Gl 2:16).

Mas, como surgiu essa compreensão?

A Reforma

A Reforma Protestante começou no ano de 1517 com Martinho Lutero. Nos doze anos que se antecederam, ele foi um

monge agostiniano que se devotava ao jejum, a muitas horas em oração, a peregrinações e a confissões frequentes.² A sua ordem tinha indicações de como se devia andar, de qual deveria ser a postura correta do corpo e de como se devia viajar. Além disso, a ordem impunha que os monges não olhassem para pessoas do sexo oposto e também tinha imposições sobre o que deviam vestir e como deviam cuidar das roupas. Ademais, decretava o cuidado com os doentes e exigia a obediência aos superiores.³

Lutero se esforçava para fazer tudo isso, a fim de obter o favor de Deus e a salvação, mas, em vez disso, sentia-se espiritualmente miserável e longe de Cristo.⁴

Quando ele entendeu que a salvação

era um dom gratuito de Deus oferecido por intermédio de Jesus, ele justapôs seu novo entendimento com sua vida anterior de obediência rígida e regrada. Portanto, por haver compreendido a doutrina da justificação pela fé como fé *versus* obediência, ele projetou esse modelo em Paulo, em que as “obras da lei” faziam um paralelo com a obediência rigorosa da lei, enquanto a justificação pela fé refletia a salvação como uma dádiva. Ao fazer isso, ele deixou um legado para as futuras gerações de protestantes.

Há uma certa legitimidade no que Lutero compreendeu. Não é possível obter a salvação pela obediência, não importa quão rigorosa ela seja. Contudo, será que era isso que Paulo tinha em mente quando

contrastou as obras da lei com a graça de Cristo? Acredito que não.

Neste breve estudo, iremos nos focar em dois tipos de obras: “as obras do Senhor” e “as obras da lei.” As duas expressões soam similarmente e há um paralelo conceitual, semântico e também teológico entre elas. No entanto, as duas são bem diferentes e essa diferença precisa ser compreendida.

A obra do Senhor

Era cerca de 1445 a.C. O povo de Israel havia saído do Egito e estava acampado aos pés do monte Sinai. Deus o convidou a entrar em uma relação de aliança com Ele (Êx 19:1-6).

A aliança tinha dois elementos. Primeiro, Israel tinha sido chamado a obedecer o que o Senhor dissesse, obedecer os Dez Mandamentos (Êx 20:1-7) e aplicar os princípios dos mandamentos na vida cotidiana (Êx 21-23). O povo prometeu três vezes que faria isso (Êx 19:8; 24:3, 7).

Segundo, porque Israel era composto de seres humanos pecadores e Deus era santo e sem pecado, eram oferecidos sacrifícios de animais e Moisés aspergia o sangue sobre o povo (Êx 24:4-7). Esse sangue era chamado de “sangue da aliança” (v. 8). Os sacrifícios faziam parte da maioria das alianças do Antigo Oriente e indicavam a penalidade que seria aplicada a quem violasse a aliança.

A promessa de obediência e o sangue da aliança colocavam o povo de Israel em uma relação de aliança com Deus. Contudo, mal havia passado 40 dias e o povo já tinha quebrado a aliança ao fabricar e adorar um bezerro de ouro, engajando-se até em imoralidade sexual (Êx 32).

Então Deus declarou que a aliança estava quebrada e que Israel não mais era o Seu povo (Êx 32:7, 10; 33:1). Merecia a pena de morte, em consonância com a pena prevista no sacrifício de bois (Êx 32:10, 27, 33, 34, 35; 33:5). Em vez disso, Ele disse que faria uma nação a partir de Moisés, que, do mesmo modo, quebrou as tábuas da lei,

indicando que a aliança já não estava em vigor (Êx 32:19). Seria esse o fim de Israel como povo de Deus?

Porém Moisés interveio em favor do povo de Israel, suplicando que Deus o perdoasse. Deus concordou. Era como se Ele estivesse esperando que Moisés suplicasse pelo povo. Deus declarou que Ele é “compassivo e bondoso, tardio em irar-Se e grande em misericórdia e fidelidade, que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a maldade, a transgressão e o pecado” (Êx 34:6, 7).

Depois, fez uma promessa maravilhosa: “Eis que Eu faço uma aliança. Diante de todo o seu povo farei maravilhas que nunca foram feitas em toda a terra, nem entre nação alguma, de maneira que todo este povo, em cujo meio você está, veja a obra do SENHOR; porque coisa terrível é o que faço com você” (v. 10). Aqui, Deus prometeu fazer uma grande “obra,” algo que todo o povo veria.

A que obra Deus estava Se referindo? Ao sacrifício de Jesus na cruz – a maior manifestação do Seu caráter misericordioso e a resposta para as constantes falhas de Israel e da humanidade.

Paulo compreendeu a “obra do Senhor” da seguinte maneira. Quando pregou em uma sinagoga na Galácia, ele disse que o perdão dos pecados era oferecido por meio de Jesus (At 13:38, 39) e advertiu o povo a não negligenciar essa obra: “Vejam, ó desprezadores! Fiquem maravilhados e desapareçam, porque, no tempo de vocês, eu realizo obra tal que vocês não acreditarão se alguém lhes contar” (v. 41).

Sim, a grande obra do Senhor é o sacrifício de Cristo na cruz, a maior obra que o mundo já presenciou.

As obras da lei

Mas o que são as “obras da lei” que Paulo menciona?

São obras. Vamos começar pela palavra obras. Ela implica algo que se faz. Os rigorosos requisitos da ordem agostiniana podem ter parecido a Lutero se encaixar na descrição de “obras da lei,” mas os

Dez Mandamentos não. Por quê? Bem, oito dos dez mandamentos são proibitivos, ou seja, não lhe dizem o que fazer, mas sim o que não se deve fazer. Isso significava que as obras da lei não podiam estar se referindo à obediência aos Dez Mandamentos. Isso seria um equívoco.

São algo no Pentateuco. Quando o leitor moderno ouve a palavra lei, ele é remetido a um código judicial. Da perspectiva cristã, a escolha lógica seria os Dez Mandamentos, que são o maior código legal descrito na Bíblia. No entanto, essa compreensão está errada, pois estamos usando uma interpretação atual de uma palavra para entender um texto antigo. Para os judeus e cristãos do primeiro século, a lei era a Torá, o Pentateuco, isto é, os primeiros cinco livros da Bíblia, de Gênesis a Deuteronômio. Isso é senso comum nos círculos teológicos.

Leiamos novamente Gálatas 2:16 com essa percepção simples em mente: “Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras *do Pentateuco*, e sim mediante a fé em Jesus Cristo, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras *do Pentateuco*, pois por obras *do Pentateuco* ninguém será justificado” (Gl 2:16; os itálicos indicam ajuste de tradução).

Soa bem diferente, não é? A minha tradução é um reflexo bem mais exato do que os leitores de Paulo devem ter entendido, diferentemente das traduções atuais.

Eram uma tentativa de justificação. Vamos ler Gálatas 2:16 novamente. Paulo usa a palavra “justificado” três vezes. Mas o que essa palavra significa? É melhor deixarmos o próprio Paulo responder: “Portanto, meus irmãos, saibam que é por meio de Jesus que a remissão dos pecados é anunciada a vocês; e, por meio Dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vocês não puderam ser justificados pela lei de Moisés” (At 13:38, 39).

Perceba que nesse verso há uma conexão entre as palavras remissão (perdão) e justificado. Perdão é um termo teológico

que implica que o pecado de alguém foi perdoado. Justificação é um termo jurídico e implica que alguém acusado judicialmente foi absolvido. Por quê? Porque a sentença foi cancelada. Assim, o perdão e a justificação descrevem a mesma coisa, mas de perspectivas diferentes: uma teológica e a outra jurídica.

Então como o perdão era ofertado no tempo do Pentateuco? Bem, não era por meio da obediência aos Dez Mandamentos ou a qualquer outro documento legislativo, mas sim por meio de um sacrifício.

Michael Rodkinson, especialista em escritos rabínicos, afirmou: “Em toda a Mishna, a expressão culpado, culpável (*hayabih*) ou livre (*patur*) é usada, sendo que o significado da primeira (culpado) é que o transgressor que agia sem intenção devia trazer a oferta pelo pecado que estava prescrita na lei [Pentateuco].”

E depois disse: “A penalidade para a primeira classe de infrações era simplesmente o sacrifício de uma oferta pelo pecado, que, no entanto, envolvia muitas dificuldades, pois o culpado tinha que levar pessoalmente a oferta pelo pecado ao templo em Jerusalém e era frequentemente obrigado a percorrer uma grande distância para isso, além de sofrer a perda do valor da oferta.”¹⁵

Os judeus do primeiro século sabiam que se alguém quisesse ser perdoado/justificado não tinha que tentar com mais afincamento ou ser mais severo na obediência à lei, como fazia Martinho Lutero, em vez disso, um sacrifício era oferecido pelo pecado. Será então, que as “obras do Pentateuco”, que tinham por objetivo perdoar/justificar, eram os sacrifícios que o Pentateuco prescrevia? Parece que sim. Elas eram prescritas no Pentateuco e envolviam a realização de obras para perdão dos pecados.

Analisemos mais uma evidência.

A palavra obras no Pentateuco. Quando se tenta encontrar o significado de alguma coisa, o senso comum sugere que se comece pelo óbvio. Quando ouvimos a expressão “obras do Pentateuco”, o lugar mais óbvio para se procurar seu significado seria no

próprio Pentateuco. Infelizmente, a maioria dos teólogos não se preocupa em buscar o significado nele. Caso o tivessem feito, o mal entendido que envolve essa questão provavelmente jamais teria surgido!

A palavra *obra/obras*, do grego *ergon/erga*, aparece 149 vezes na Torá. Cerca de metade delas faz referência a obras seculares de homens ou aos atos poderosos de Deus que não têm relação com perdão/justificação. Além do mais, a palavra nunca aparece relacionada à guarda dos Dez Mandamentos ou a qualquer outro código judicial.

O mais interessante é que 70 vezes a palavra está relacionada com o tabernáculo e seus serviços, incluindo os sacrifícios. Na verdade, todo o serviço realizado no tabernáculo é chamado de “serviço [obra] do tabernáculo” (Nm 3:7; NVI). A expiação pelos pecados era realizada no tabernáculo. Portanto, as obras do Pentateuco, que tinham por objetivo o perdão/justificação e contra as quais Paulo adverte, referem-se aos sacrifícios e às outras obras realizadas no templo/tabernáculo e não à obediência aos Dez Mandamentos ou a qualquer outro código judiciário da Bíblia.


Conclusão

Com base nas afirmações acima, podemos retraduzir ou parafrasear Gálatas 2:16 da seguinte forma: “Sabendo, contudo, que o homem não pode ser justificado por obras prescritas no Pentateuco, nomeadamente os serviços do santuário, e sim mediante a fé [no sacrifício de] Jesus Cristo, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos perdoados/justificados pela fé em Cristo e não por obras prescritas no Pentateuco, pois por obras do Pentateuco ninguém será perdoado/justificado” (Gl 2:16; ajuste de tradução).⁶

Lutero tinha razão. A obediência humana não pode apagar os pecados do passado e não pode salvar. Ele estava certo quanto a isso. Contudo, ele estava errado ao usar as suas circunstâncias pessoais como um prisma para interpretar as palavras de Paulo. Ao fazer isso, ele deixou um

legado hermenêutico que se transformou eventualmente em variações diferentes do antinomianismo cristão, que ensina graça *versus* obediência.

Paulo não estava dizendo aos gálatas cristãos que parassem de guardar os mandamentos, ou de se esforçar tanto para fazê-lo, ou ainda que parassem de fazer coisas boas. Afinal, a mensagem de Paulo não se refere aos mandamentos ou a fazer o bem. Ele estava dizendo que o templo e seus serviços – o sistema sacrificial –, já não tinham efeito no plano da salvação.

As ineficazes “obras da lei” que não podem purificar o pecado humano foram substituídas pela incrível e totalmente eficaz “obra do Senhor”. Aleluia! 

Referências

¹ Romanos 3:20, 27, 28; Gálatas 2:16; 3:2, 5, 10.

² Roland Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (Nova York: Editora Penguin, 1995), p. 40-42.

³ “Rule of St. Augustine,” Midwest Augustinians, disponível em <midwestaugustinians.org/roots-of-augustinian-spirituality>, acesso em 5/6/23.

⁴ James Kittelson, *Luther the Reformer* (Mineápolis: Augsburg Fortress, 1986), p. 79.

⁵ Michael L. Rodkinson, *The Babylonian Talmud* (Boston: Talmud Publications, 1903), p. xxii, xxvi.

⁶ Uma nota sobre Gálatas 3:10, que parece fazer uma conexão entre “obras da lei” com a obediência: “Pois todos os que são das obras da lei estão debaixo de maldição, porque está escrito: ‘Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da Lei, para praticá-las.’” Nesse texto, Paulo enfatiza a impossibilidade da salvação sem Cristo Jesus. Uma pessoa que não tem Cristo só pode ter um dos dois *status* seguintes. Primeiro, ela pode “permanecer em todas as coisas escritas no Livro da Lei”, ou seja, não pecar. Ou, se ela falhar em “permanecer em todas as coisas”, ela infringirá a lei. Então, ela é uma pecadora debaixo de uma maldição. Já que os sacrifícios das “obras da lei” não podem perdoar os pecados, a maldição permanece. Logo, os únicos dois *status* possíveis para uma pessoa sem Cristo são: não pecar ou ser amaldiçoada. E como nenhuma pessoa é sem pecado a não ser Jesus (Rm 3:23), a maldição do pecado continua sobre todos os que rejeitam a Cristo. A única coisa que pode retirar a maldição do pecado é o sacrifício de Jesus, a maravilhosa “obra do Senhor”.

KIM PAPAIOANNOU
pastor no Chipre



CONEXÕES TEXTUAIS

Uma abordagem equilibrada sobre intertextualidade

Heber Pinheiro



Recentemente, a intertextualidade tem sido objeto de muita atenção e acumulou uma variedade surpreendente de usos e definições.¹ De acordo com o professor Robert Carroll, o termo “intertextualidade” apareceu pela primeira vez no ensaio seminal de Julia Kristeva (1966), no qual apresentou as ideias centrais do crítico literário russo Mikhail Bakhtin.² A partir de então, essa palavra e seus conceitos correlatos foram aplicados a diferentes composições literárias, incluindo a Bíblia.

Em literatura, o termo define um objeto literário (palavra, evento) que vem a ser como uma “interseção de horizontes literários”, um “mosaico de citações”, ou, assim como Derrida o define, “o entrelaçado de diferentes textos em um ato crítico que se recusa a pensar em ‘influência’ ou ‘inter-relação’ como um simples fenômeno histórico”.³ A ideia de intertextualidade tem uma implicação evidente: nenhum sujeito pode produzir um texto autônomo. Ao dizer “autônomo”, refere-se a um texto

que não possui vínculos com outros textos, algo que surge límpido, puro, da mente do sujeito que o produziu. Isso implica que os sujeitos elaboram seus textos desde uma necessária e obrigatória vinculação com outras peças literárias. O texto, na realidade, não seria uma entidade autônoma, mas um cruzamento, uma interseção discursiva, um “diálogo”, em última instância.

Enquanto isso, em relação à Bíblia, o teólogo John Barton apresenta uma definição simples de intertextualidade que pode nos dar uma ideia inicial do conceito: “Qualquer texto, dentro da Escritura, que possa iluminar algum outro texto.”⁴ Em um nível hermenêutico, intertextualidade seria a exegese intrabíblica do texto.⁵ Se é certo que o termo encerra conceitos muito mais amplos, ao que parece, uma definição exata de “intertextualidade” não existe, pois compreende uma multiplicidade de aspectos e conceitos que são apresentados como “afinidades linguísticas”, “alusões literárias”, um “sistema de comunicação fora

do texto”, “citações textuais”, “ecos”, “ligações literárias”, entre outros.⁶ A complexidade do assunto produziu muitos estudos e propostas que tentam explicar esse fenômeno que, embora se dê na literatura secular, observa-se de maneira muito precisa na literatura bíblica.

Alguns estudiosos tentaram estabelecer certos parâmetros para definir a intertextualidade. Entre as diferentes propostas, escolhemos a de Gary E. Schnittjer, professor de Antigo Testamento na Universidade Cairn, na Pensilvânia, EUA.⁷ Após analisar e discutir a proposta de Schnittjer, este artigo proporá uma teoria que permite equilibrar as diferentes abordagens, sem perder de vista a qualidade do texto inspirado.

Ecos literários, limites e contexto

Schnittjer apresenta uma proposta para abordar a “intertextualidade” dentro do universo da Bíblia. Para ele há duas questões básicas que devem ser respondidas:

(1) Os limites de um livro bíblico definem o contexto de interpretação no que se refere ao significado da narrativa? (2) Como os ecos literários afetam o contexto? De acordo com a perspectiva de Schnittjer, as narrativas bíblicas contêm ecos que parecem convidar a ler simultaneamente dentro dos limites do livro e, ao mesmo tempo, convidam a ultrapassar suas fronteiras para ler a narrativa em relação a outros escritos bíblicos que podem “ser ouvidos” nele.⁸

A hipótese com a qual trabalha é que “o leitor bíblico pode apreciar corretamente os multifacetados contextos narrativos bíblicos somente a partir do universo das Escrituras”.⁹ De acordo com essa hipótese, o contexto bíblico tem alguns limites que não podem ser atravessados e outros que devem ser cruzados. Saber onde e como cruzar os limites é o segredo de uma boa interpretação.

A proposta de Schnittjer se baseia em três aspectos básicos: (1) a natureza da narrativa bíblica (que é fundamentalmente de caráter alusivo); (2) a relação entre contexto e significado (que mantém uma pressão direta sobre os assuntos relacionados ao eco narrativo); e (3) a natureza da coleção canônica dos Escritos (uma espécie de fronteira que legitima um universo referencial).

Com base nesses três aspectos, Schnittjer declara que “quando as narrativas bíblicas estão ligadas inerentemente a outros contextos bíblicos, mediante um ‘eco literário’, aqueles outros contextos chegam a formar parte e parcela do contexto dentro do qual o ‘eco’ está integrado”.¹⁰ Assim, a “intertextualidade”, no sentido amplo da palavra, contempla a totalidade da Bíblia, a cuja primeira narrativa foram acrescentadas as narrativas posteriores, formando assim a coleção completa das Escrituras. O contexto para uma narrativa secundária é, portanto, mais do que ela mesma, já que os “ecos” forçam o leitor a adotar um contexto de leitura além dos limites do próprio livro a fim de apreender o significado da história dentro dela.

De acordo com esse resumo, queremos fazer uma crítica à teoria intertextual de Schnittjer, tendo em conta os três aspectos apresentados na sua proposta.

Crítica à proposta de Schnittjer

Em primeiro lugar, podemos dizer a favor de Schnittjer que sua perspectiva geral é notavelmente ampla e abrangente, permitindo ver a Bíblia como um corpo de escritos sagrados unidos por um universo de interpretação que se autossustenta, se complementa e se constitui em um contexto autoritativo para a exegese intrabíblica. Essa perspectiva pode ser comparada com aquele grande princípio de hermenêutica postulado pelos reformadores: “A Bíblia interpreta a si mesma.”¹¹

Por outro lado, uma perspectiva dinâmica dessa mesma abordagem pode levar a extremos perigosos, dada a ênfase nos ecos literários, cujas alusões podem se estender de tal maneira que a totalidade dos escritos seja envolvida em alusões imaginárias que possivelmente não estavam na mente do autor. Além disso, dado o problema de definir isoladamente os termos que se usam dentro do universo cada vez mais amplo da intertextualidade, isso mesmo acrescenta uma dificuldade maior à questão.

Por outro lado, alguns estudiosos diferem no uso e no significado dos termos “alusão” e “eco”. Por exemplo, G. K. Beale classifica de maneira simples as alusões em: “alusões claras”, “alusões prováveis” e “alusões possíveis ou ecos”.¹² Ao contrário, o teólogo adventista Jon Paulien faz distinção apenas entre “alusões diretas” e “ecos”.¹³

De acordo com Paulien, a diferenciação entre “eco” e “alusão” depende inteiramente de a ocorrência do paralelo verbal ser ou não considerada intencional por parte do autor.¹⁴ De fato, muitas das alusões citadas pela maioria dos comentaristas são na verdade “ecos”, e não podem ser listados como pensamentos que o autor tinha em mente.

Sendo assim, é possível reconhecer que Schnittjer fica aquém de sua proposta de ecos literários, dada a imprecisão de sua definição e a amplitude de noções mencionadas no conceito de “alusão”. Aparentemente, os estudiosos preferem diferenciar entre uma alusão direta e um “eco”, ficando este último em uma situação de menor significado, em um plano quase subjetivo.

Quanto à relação entre contexto e significado, considero que a afirmação de Schnittjer – de que “aqueles contextos que estão vinculados mediante um ‘eco literário’ chegam a formar parte e parcela do contexto dentro do qual o ‘eco’ está integrado” – é muito ampla para um trabalho exegético. Ou seja, complicaria demais o trabalho hermenêutico se tivéssemos que considerar todos os “ecos” presentes nas Escrituras. A avaliação de um “eco” ou uma “alusão” precisa ser mais objetiva e deve partir menos da perspectiva do leitor e mais da perspectiva do autor do texto.

Concordo com Schnittjer em que a natureza da coleção canônica legitima o universo referencial da Bíblia, mas é evidente que, se tivéssemos que elucidar todos os “ecos” ou “alusões” ao longo da Bíblia para definir um contexto em particular, essa tarefa se tornaria um elefante branco maior que a própria coleção canônica. Em outras palavras, a inclusão de contextos deve seguir alguns critérios objetivos que partem do próprio texto.

A questão dos “ecos literários” permanece, a meu ver, como uma nebulosa cujos limites não podem ser determinados. Em todo caso, o “eco” aparece como um termo subordinado que depende mais da percepção da audiência do que da própria intenção do autor.

Apesar da persistente confusão sobre a terminologia relacionada à intertextualidade, é necessário atingir um nível de entendimento que permita abordar um estudo da intertextualidade na Bíblia, especialmente das citações ou alusões diretas (e outras não tão diretas) do Antigo Testamento no Novo Testamento.

Proposta para uma abordagem equilibrada

Em primeiro lugar, devemos estabelecer que qualquer afinidade linguística presente entre dois textos não deve ser assumida como “intertextualidade”. É legítimo perguntar se um aparente paralelo é resultado de outras causas, tais como uma tradição idiomática comum, passagens temática ou genericamente relacionadas, ou ainda, coincidência. Concordo com o teólogo Ronald Bergey quando afirma que “os paralelos linguísticos são o guia mais seguro em termos de determinar se as correlações textuais foram feitas de forma consciente ou deliberada, especificamente, se elas são corroboradas por outras linhas de evidência”.¹⁵

É evidente que a intertextualidade está relacionada a textos; portanto, considero que o início básico para determinar a “intertextualidade” tem que ver com traços literários diretos e identificáveis, que nada mais são do que citações diretas ou referências explícitas a outros textos. Dessa forma, o ponto inicial para trabalhar com textos inter-relacionados é o nível lexicográfico. Os paralelos verbais podem ser muito úteis para determinar o grau de afinidade entre os dois textos.¹⁶

Essas semelhanças verbais permitem iniciar o trabalho para determinar se ambos os textos têm entendimentos semelhantes da terminologia análoga utilizada. Naturalmente, as características mais complexas da linguagem compartilhada (pares de palavras, frases e expressões), mais do que simples palavras soltas, podem indicar melhor a existência de apropriação textual intra-bíblica.

O próximo passo seria a comprovação da prevalência de uma correlação temática entre as duas passagens. Esse nível poderia indicar se ambos os contextos estão relacionados, e se essa relação é direta ou indireta. Os conteúdos temáticos permitiriam determinar o nível de influência exercido pelo contexto anterior em referência ao contexto mais recente, ou se houve

uma variação na compreensão temática do novo, com referência ao anterior.

Em geral, os quatro evangelhos mostram esse tipo de intertextualidade, que reflete uma variação (contextualização) da compreensão de uma determinada passagem do Antigo Testamento.¹⁷ Nesse caso, e no caso de todo o Novo Testamento, esse uso é validado pela inspiração; já que, por meio da inspiração, novos contextos são encontrados para os escritos veterotestamentários.¹⁸ Moyise chama esse nível de Intertextualidade Dialógica, que é entendida como uma interação entre o texto e o subtexto, operando em ambas as direções (respeitando o sentido original ou alterando-o).¹⁹ Nota-se que, nesse nível, ainda é apropriado considerar o contexto original ao interpretá-lo dentro do novo contexto, pois isso ajudaria a manter um equilíbrio entre intenção (contexto original [AT]) e significado (novo contexto [NT]).

Finalmente, ao definir o nível de variação ou permanência do primeiro significado em relação ao segundo, pode-se alcançar melhor compreensão da troca mútua de informações e o reconhecimento de que esses diversos componentes fazem parte de uma mesma entidade literária e ideológica.²⁰ Acredito que não é apenas possível, mas absolutamente necessário, manter em mente que a Escritura é essencialmente complementar em natureza e caráter; e que o mundo narrativo da Bíblia compartilha em todos os seus níveis, seções e contextos uma característica distintiva: a singularidade da inspiração. **IV**

Referências

- ¹ Ver Richard L. Schultz, “The Ties that Bind: Intertextuality, the Identification of Verbal Parallels, and Reading Strategies in the Book of Twelve”, *Society of Biblical Literature 2001 Seminar Papers* (2001), p. 40, 41.
- ² Robert P. Carroll, *The New Literary Criticism and the Hebrew Bible* (Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1994), p. 57.
- ³ David Penchansky, *Reading Between Texts. Intertextuality and the Hebrew Bible* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1992), p. 77.
- ⁴ John Barton, “Intertextuality and the ‘Final Form’ of the Text”, *Congress Volume Oslo 80* (1998), p. 35.

⁵ Martin G. Klingbeil, “Contextualizaciones de Isaías en San Marcos”, *DavarLogos 2.2* (2003), p. 141.

⁶ Para referências, ver Heber Pinheiro, “Intertextualidad: Hacia un Abordaje Equilibrado”, *Advenimiento 10* (2022), p. 18-25.

⁷ Gary E. Schnittjer, “The Narrative Multiverse Within the Universe of the Bible: The Question of ‘Borderlines’ and ‘Intertextuality’”, *Westminster Theological Journal 64* (2002), p. 231-252.

⁸ Schnittjer, “The Narrative Multiverse Within the Universe of the Bible: The Question of ‘Borderlines’ and ‘Intertextuality’”, p. 231.

⁹ Schnittjer, “The Narrative Multiverse Within the Universe of the Bible: The Question of ‘Borderlines’ and ‘Intertextuality’”, p. 232.

¹⁰ Schnittjer, “The Narrative Multiverse Within the Universe of the Bible: The Question of ‘Borderlines’ and ‘Intertextuality’”, p. 239, 240.

¹¹ John Reumann, “Selecciones de Leccionarios en la Tradición Luterana”, *Concilium 102* (1975), p. 36.

¹² Gregory K. Beale, *The Use of Daniel in Jewish Apocalyptic Literature and in the Revelation of St John* (Lanham, MD: University Press of America, 1984), p. 43.

¹³ Jon Paulien, “Elusive Allusions: The Problematic Use of the Old Testament in Revelation”, *BR 37* (1988), p. 40-48.

¹⁴ Paulien, “Elusive Allusions: The Problematic Use of the Old Testament in Revelation”, p. 48.

¹⁵ Ronald Bergey, “The Song of Moses (Deuteronomy 32.1-43) and Isaianic Prophecies: a Case of Early Intertextuality?”, *Journal for the Study of the Old Testament 28* (2003), p. 47.

¹⁶ Jacques van Ruiten, “The Intertextual Relationship Between Isaiah 65:17-20 and Revelation 21:1-5b”, *Estudios Bíblicos 51* (1993), p. 477.

¹⁷ Martin G. Klingbeil, “Contextualizaciones de Isaías en San Marcos”, *DavarLogos 2.2* (2003), p. 142.

¹⁸ Ver “O Papel de Israel nas Profecias do Antigo Testamento”, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, 7 v., ed. Francis D. Nichol (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), v. 4, p. 12-25.

¹⁹ Steve Moyise, *The Old Testament in the New Testament* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000), v. 26, p. 17.

²⁰ Robert W. Wall, “The Intertextuality of Scripture: The Example of Rahab (James 2:25)”, em *Studies in the Dead Sea Scrolls and Related Literature*, ed. Peter W. Flint (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001), p. 218.

HEBER PINHEIRO
professor de Teologia na
Universidade Adventista
do Chile



DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA

É manhã de sábado e o pastor está de saída para a igreja. Entrando no carro, seu telefone toca. Do outro lado da linha, em lugar do amigável “feliz sábado”, ele ouve: “O senhor precisa fazer alguma coisa! Há um integrante do grupo de louvor que não tem mais condições de participar. Todos já sabem o pecado que ele cometeu e a igreja deve removê-lo!” O caso aqui é hipotético. Mas você pode ter vivenciado algo parecido.

Infelizmente, o pecado e suas consequências são uma realidade no convívio humano. Na igreja não é diferente. Geralmente recai sobre o pastor a pressão para uma solução rápida e (o mais difícil) que satisfaça os sentimentos de *justiça* dos envolvidos.

A Igreja Adventista é notoriamente prudente quando se trata de disciplina eclesiástica, basta olharmos para as recomendações do Manual da Igreja. Nele há um capítulo bíblicamente bem embasado dedicado a esse tema, o qual é enfático em recomendar a busca pela conciliação dos envolvidos, visando a paz e a harmonia entre os membros do corpo de Cristo. Para isso, o Manual recomenda que seja levado à igreja apenas os casos não solucionáveis particularmente entre os irmãos.

Nos últimos anos, temos observado a judicialização de casos ligados à disciplina eclesiástica. A questão que se levanta é: Pode a justiça estatal revisar uma decisão interna sobre disciplina? Veremos, a seguir, dois aspectos importantes.

1

Proteção legal

O Judiciário brasileiro tem por regra não analisar o mérito das decisões eclesiásticas. Esse respeito decorre da forte proteção legislativa conferida às organizações religiosas e associações em geral.

O Código Civil brasileiro (Art. 44, § 1º) assegura liberdade às igrejas em definir sua estrutura e organização interna, o que inclui regular as condições de ingresso e permanência no seu rol de membros. Por sua vez, a nossa Constituição Federal (Art. 19, I) ainda veda ao Estado qualquer ato que possa embaraçar o funcionamento das igrejas, o que também abrange procedimentos disciplinares.

Ocorre que essa proteção é perdida quando a própria igreja desatende o rito processual definido. Quando há falha no rito, existe sempre a possibilidade dele ser anulado judicialmente. Por isso, recomendamos que, ao notar que houve alguma falha durante o trâmite, a própria igreja reabra o procedimento (ou recue, se ainda não foi concluído) para refazer o ato em conformidade com o regulamento.

2

Ampla defesa

Neste ponto, chamo atenção para um direito que possui uma especial proteção: o direito à ampla defesa e o contraditório, garantido pelo Art. 5º, inciso LV, da Constituição Federal. Essa proteção garante ao envolvido não apenas o direito de

ter *conhecimento prévio* dos fatos a ele imputados, mas também o de se pronunciar sobre eles em defesa própria e apresentar as provas necessárias.

O *Manual da Igreja* regula esse direito no item denominado “Direitos Fundamentais dos Membros” (p. 72). Nesse item, além da oportunidade de falar em defesa própria e produzir provas, o membro envolvido deve receber uma notificação por escrito, pelo menos duas semanas antes da reunião da Comissão Diretiva da Igreja e da reunião administrativa. Nessa notificação, devem conter também as razões para sua disciplina.

Se houve falha nesse ponto durante o procedimento que culminou com a remoção do rol de membros, a pessoa removida poderá obter a nulidade da remoção no Judiciário, inclusive com a sua reintegração ao rol de membros. Imagine o constrangimento!

Por isso, uma atenção especial deve ser dada a essas notificações por escrito. Recomendamos que a sua entrega seja comprovada por meio de um protocolo ou um recibo assinado pelo membro que a recebe. A prova documental da entrega evitará a dúvida sobre a sua existência no futuro.

No mais, é bom relembrar que a Igreja Adventista conta com uma rede de advogados preparados para esclarecer dúvidas e apoiar em qualquer necessidade. **IV**

EDER BARBOSA

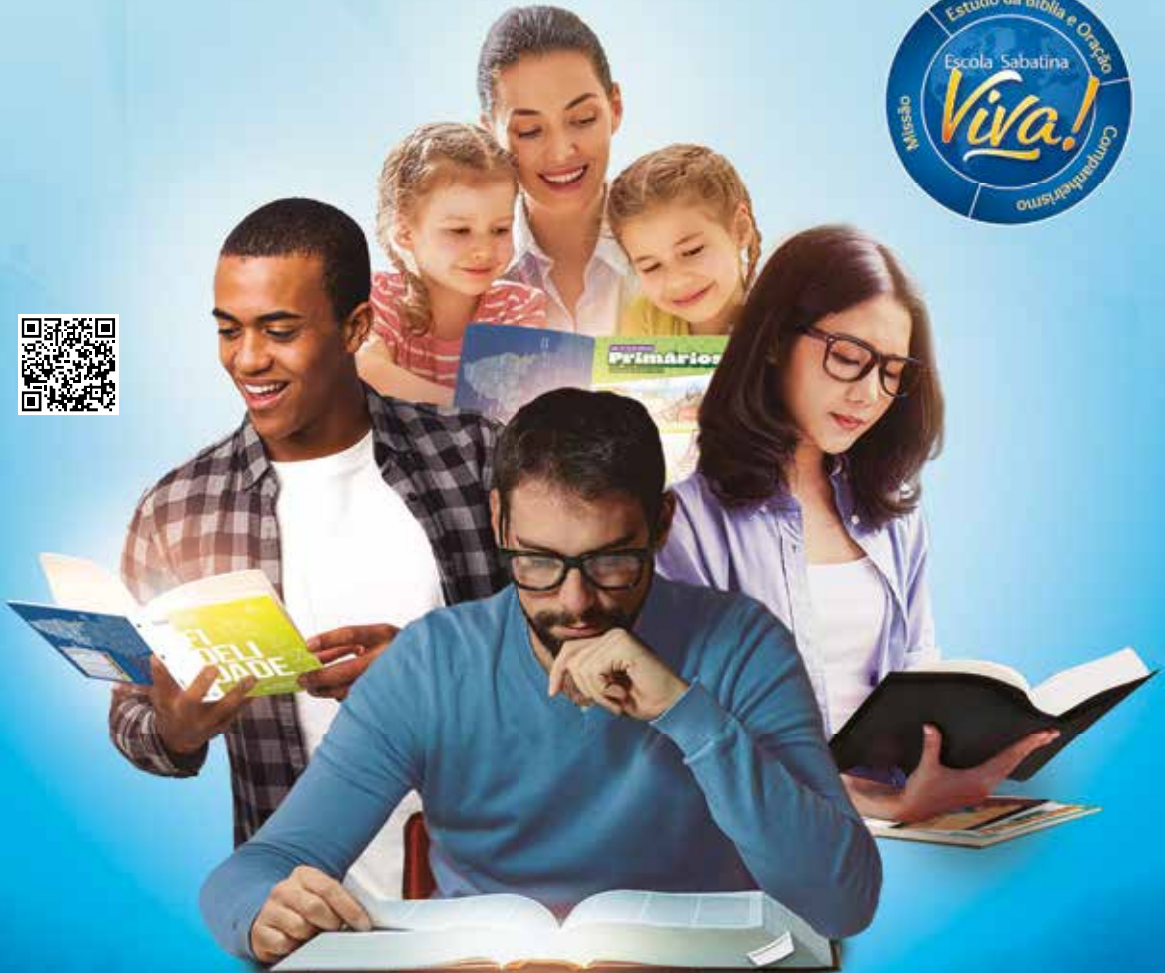
advogado geral da Igreja Adventista para o estado de São Paulo





MUTIRÃO DE ASSINATURAS DA LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA

MKT CPB | 123RF



MANA

CADA DIA, CADA UM, CADA MANHÃ

Acesse:

projetomana.com

Horários de atendimento das CPB livrarias no site: livrarias.cpb.com.br

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB



[f](#) [@](#) [v](#) [/cpbeditora](#)

ANCIONATO FORTALECIDO

Perguntas e respostas sobre a ordenação de anciãs



Em julho de 2021, a Divisão Sul-Americana votou autorizar às igrejas locais nomearem e ordenarem mulheres ao ancionato. Esse voto segue a recomendação da Associação Geral que, após ampla e reflexiva análise teológica, autorizou as Divisões a estudar o tema e implementar, conforme a necessidade de suas igrejas locais, a ordenação de anciãs.

Uma comissão estabelecida pela Divisão Sul-Americana analisou os resultados do relatório e, após avaliar os argumentos bíblicos, teológicos e eclesiais, concluiu que a nomeação de anciãs fortalece a liderança da igreja local, valoriza o discipulado e contribui efetivamente com a missão.

Acompanhe, a seguir, algumas questões importantes sobre esse tema.

1. Como a ordenação praticada hoje está relacionada à terminologia bíblica?

Embora a palavra ordenação não apareça na Bíblia, o conceito tem sido associado a termos bíblicos como “imposição de mãos” (1Tm 4:14; 2Tm 1:6; Hb 6:2), “colocar em ordem”, “ordenar/designar” (Tt 1:5). Trata-se da nomeação ou separação de alguém para um propósito particular. Primeiro Deus nomeia uma pessoa; em seguida, a igreja reconhece essa nomeação. A igreja só pode ordenar o que Deus já separou e comissionou (1Co 7:17). Paulo, por exemplo, já era reconhecido como apóstolo e mestre pela igreja quando o Espírito Santo instruiu os líderes a separá-lo para uma tarefa específica (At 13:1-3).

Quanto às ordenações feitas no Antigo e Novo Testamentos, existem semelhanças e diferenças. Há semelhança no fato de que, em ambos os testamentos, Deus chama e Seu povo reconhece esse chamado. Um exemplo importante de diferença é que, no Novo Testamento, há uma mudança na lei com relação à ordenação dos sacerdotes. Hebreus 7:12 diz: “Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente muda também a lei.”

2. Deus estabelece e ordena aqueles que exercem seus dons na igreja?

Sim. As palavras gregas muitas vezes traduzidas como “ordenar” no Novo Testamento carregam a ideia de “definir”, “designar”, “estabelecer”. Em 1 Coríntios 12:28, o apóstolo Paulo afirma: “A uns Deus estabeleceu na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, os que têm dons de curar, ou de ajudar, ou de administrar, ou de falar em variedade de línguas.”

É importante frisar que a ordenação não funciona em um sentido mágico, infundindo na pessoa um tipo de poder especial. Também é errado dizer que a ordenação é “apenas uma nomeação da igreja”. Essa expressão rebaixa o valor do corpo de Cristo e da liderança divina sobre ele. Por outro lado, é necessário enfatizar que a ordenação é uma ação inspiradora, que mostra a organização eclesial ao reconhecer os dons concedidos por Deus a alguns de seus membros. Essa

organização não é, primariamente, sobre hierarquia, mas sobre missão (Mt 23:11; 28:19, 20). Homens e mulheres são chamados e ordenados por Deus para participar dessa missão (Jl 2:28, 29).

Portanto, a ordenação é a habilitação de uma pessoa para representar a igreja, proclamar o evangelho, administrar a Ceia do Senhor, plantar e organizar igrejas, guiar e instruir os membros, opor-se aos falsos ensinamentos e prestar serviço à congregação (At 6:3; 20:28, 29; 1Tm 3:2, 4, 5; 2Tm 1:13, 14; 2:2; 4:5; Tt 1:5, 9).

3. Deus nomeia mulheres para exercer dons espirituais e cargos de liderança na igreja?

Sim. Deus estabeleceu, por exemplo, profetisas na igreja (1Co 12:28) e entre Seu povo. Observe as referências: “A profetisa Miriã, irmã de Arão” (Êx 15:20), “Débora, profetisa, esposa de Lapidote” (Jz 4:4), “a profetisa Hulda, esposa de Salum, encarregado das vestimentas da Casa do Senhor” (2Rs 22:14), a esposa de Isaías (Is 8:3) e “Ana, uma profetisa” (Lc 2:36).

Muitas outras mulheres também serviram ao povo de Deus em papéis de liderança. No Antigo Testamento, Débora “julgava Israel” (Jz 4:4). No Novo Testamento, várias mulheres serviram na igreja apostólica como colaboradoras de Paulo e tiveram funções de liderança. Entre elas estão: Febe (Rm 16:1), Priscila (16:3), Maria (16:6), Trifena, Trifosa e Pérsis (16:12), Evódia e Síntique (Fp 4:2) e Ninfa (Cl 4:15).

As mulheres e a liderança da Igreja Adventista

1881

A ordenação de mulheres ao ministério foi proposta na 5ª Assembleia da Associação Geral.

Embora a ordenação de anciãos não seja prescrita ou proibida na Bíblia, existem princípios que esclarecem essa questão. Jesus nos ensinou a orar: “Seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu” (Mt 6:10). Também: “Tudo o que ligares na Terra será ligado no Céu e tudo o que desligares na Terra será desligado no Céu” (16:19; 18:18). Paulo escreveu: “Que cada um ande segundo o que o Senhor lhe concedeu, conforme Deus o chamou. É isto que ordeno em todas as igrejas” (1Co 7:17). Precisamos depender da soberania divina, olhar para os princípios básicos ensinados na Bíblia e seguir a orientação do Espírito Santo que nos conduz “em toda a verdade” (Jo 16:13).

4. Mas a liderança eclesiástica não é prerrogativa apenas dos homens?

Algumas pessoas acham que, pelo fato de o marido ser o “cabeça da mulher” ou o “cabeça do lar”, então ele tem que ser “cabeça” dentro da igreja também. Segundo elas, isso desqualificaria a mulher de exercer posições de liderança. No entanto, segundo as Escrituras, Cristo é o único Cabeça da Igreja, enquanto os membros da igreja (tanto homens quanto mulheres), formam o corpo de Cristo (Ef 1:22, 23; 5:23; Cl 1:18; 2:19).

Ellen White escreveu: “Cristo, não o pastor, é o Cabeça da igreja”¹ e “Cristo é o único Cabeça da igreja”.² Nem as Escrituras nem os escritos de Ellen White afirmam que apenas o homem deve ser líder na igreja. Além disso, não apoiam nenhuma transferência da função de cabeça no lar às funções dentro do corpo da igreja.

5. O termo masculino “ancião” exclui necessariamente as mulheres?

Não. O autor do livro de Hebreus faz uma declaração representativa ao descrever “os antigos [*presbítero*] [que] obtiveram bom testemunho” (Hb 11:2), incluindo Sara (11:11), Raabe (11:31), e outras mulheres (11:35). Esses anciãos faziam parte da ordem geral do povo de Deus. Eles não são exemplos do ministério de um “presbítero” da igreja no período do Novo Testamento, mas mostram que, na terminologia bíblica, a linguagem masculina pode ser usada para incluir mulheres.

As anciãs também são mencionadas em outro texto paulino: “Não repreendas um homem mais velho [*presbítero*]; pelo contrário, exorte-o como você faria com seu pai. Trate os mais jovens como irmãos, as mulheres mais velhas [*presbíteras*], como mães, e as mais jovens, como irmãs, com toda a pureza” (1Tm 5:1, 2). Alguns estudantes da Bíblia concluem que esses anciãos e anciãs podem ser simplesmente pessoas idosas. No entanto, mesmo essa visão não muda o fato de que tanto homens quanto mulheres são referidos como anciãos. Portanto, o termo “ancião” não exclui automaticamente o gênero feminino.

6. Paulo proibiu as mulheres de ensinar e exercer autoridade sobre os homens?

A proibição de 1 Timóteo 2:11 e 12 faz parte da resposta geral do apóstolo à influência maligna de falsos mestres que estavam minando a fé dos crentes em Éfeso (cf. 1:3, 4; 18-20; 4:1-4; 6:20, 21). Algumas mulheres dessa cidade haviam perdido de vista o verdadeiro evangelho e não estavam vivendo como seguidoras de Cristo.

Sob a direção desses falsos mestres, elas desenvolveram um desdém pelo papel tradicional da mulher como esposa e mãe (cf. 4:3; 5:9-10, 14) e passaram não apenas a se vestir indevidamente (2:9-10; 5:6), como também a agir de maneira dominadora sobre o marido (2:11, 12).

É interessante observar que, em vez de usar o termo grego *exousia* – palavra comum usada no Novo Testamento para autoridade (Rm 9:21; 13:3; 2Co 13:10; 2Ts 3:9), Paulo usa uma palavra extremamente rara que não ocorre em nenhum outro lugar do NT: *authentēō*. Esse verbo tem um elemento negativo associado a ele. Pode significar “governar/reinar”, “controlar” ou “dominar”. Em vez de exercer a forma normal de autoridade associada ao ofício do ministério, essas mulheres estavam se comportando de maneira arrogante, sem o espírito de amor cristão, abnegação e submissão mútua que define o relacionamento entre todos os crentes.

7. As mulheres são excluídas de serem anciãs porque não possuem todas as características listadas por Paulo em 1 Timóteo 3:1-7?

Não. A qualificação essencial é que o ancião seja irrepreensível. Uma pessoa não precisa de todas as qualidades listadas por Paulo (como ser um homem casado, por exemplo) para ser um “presbítero” (ancião). As viúvas, por exemplo, também devem ser “esposa de um só marido” (1Tm 5:9) – o mesmo conselho dado aos anciãos (1Tm 3:2). O princípio que Paulo promove é a pureza sexual. A preocupação do apóstolo não era com o gênero de um líder da igreja, mas com o tipo de caráter que deve definir a vida de um líder espiritual.

1895

Ellen White publica o artigo “Os deveres dos ministros e do povo” que trata, também, da ordenação de mulheres.

1973

O Concílio Anual da Associação Geral registra um voto solicitando às Divisões que estudem sobre o papel da mulher na igreja.

1975

O Concílio Anual da Associação Geral autoriza ordenação de anciãs para a Divisão Norte-Americana.

1984

O Concílio Anual da Associação Geral confirma voto de 1975 e amplia a autorização para as demais Divisões.

Em grego, Paulo diz que “qualquer um” que queira servir como um ancião “deseja uma nobre tarefa” (1Tm 3:1). Qualquer um significa homem ou mulher. Se Paulo quisesse limitar o ministério de um bispo aos homens, ele poderia facilmente ter restringido o significado do pronome indefinido adicionando um substantivo ou pronome específico de gênero (como ele faz em outros lugares – 1Tm 5:4, 16; 1Co 7:12, 13, 36). Além disso, nenhum pronome masculino ocorre em grego em toda a lista de qualificações para o ministério de um ancião.

Paulo usa linguagem masculina ao falar sobre os requisitos dos presbíteros porque, na antiguidade, o gênero “padrão” para um grupo misto era sempre masculino. A linguagem inclusiva de gênero é um fenômeno bastante recente e não teria sido considerada na época de Paulo.

8. Na Igreja Adventista do Sétimo Dia, quais são os três ofícios para os quais as pessoas são ordenadas?


O *Guia Para Ministros* declara: “As Escrituras distinguem três categorias de oficiais ordenados: 1) O *ministro de evangelho* cujo papel pode ser entendido como pregação, ensino, administração das ordenanças e cuidado pastoral da igreja (1Tm 4:14; 4:1-5); (2) o *ancião* que exerce supervisão sobre a congregação local, realizando também algumas funções pastorais (At 14:23; 20:17; Tt 1:5, 9; 1Tm 3:2, 5) e (3) o *diácono*, a cujos cuidados são confiados os pobres e a obra de beneficência da congregação (Fp 1:1; At 6:1-6; 1Tm 3:8-13).¹³

9. Como os pioneiros adventistas lidaram com assuntos nos quais a Bíblia não dava instruções explícitas e detalhadas?

Quando tópicos específicos não são abordados nas Escrituras, é considerado uma prática sólida e aceitável aplicar princípios extraídos da Bíblia. Ellen White seguiu essa prática em um exemplo citado por seu marido, Tiago White: “Se for perguntado: ‘Onde estão os textos claros da Escritura para manter legalmente a propriedade da igreja?’ Nós responderemos: ‘A Bíblia não fornece nenhum; nem diz que devemos ter um jornal semanal, uma impressora a vapor, que devemos publicar livros, construir locais de adoração e enviar tendas’. Jesus diz: ‘Assim brilhe a vossa luz diante dos homens’; mas Ele não dá todos os detalhes de como isso deve ser feito. A igreja é deixada para seguir em frente na grande obra, orando por orientação divina, agindo de acordo com os planos mais eficientes para sua realização. Acreditamos que é seguro ser governado pela seguinte regra: Todos os meios que, de acordo com o bom senso, promoverão a causa da verdade e não são proibidos por declarações das Escrituras devem ser empregados.”¹⁴

10. Ellen White apoia a ordenação de mulheres para os ministérios aos quais Deus as chama?

No sentido espiritual, Ellen White acreditava que todos os cristãos são chamados para exercer um tipo de ministério. Essa perspectiva está no cerne do sacerdócio de todos os crentes (1Pe 2:9). Ela escreveu: “Todos os que são ordenados na vida de Cristo são ordenados para trabalhar pela salvação de seus semelhantes.”¹⁵

Em 1895, Ellen White escreveu um longo artigo sobre o trabalho dos leigos nas igrejas locais. Ela exortou os ministros a deixar os membros trabalharem para a igreja e treiná-los para fazê-lo. Ela afirmou ainda que as mulheres que servem no ministério local também devem ser separadas para o tipo de ministério e evangelismo que exercem. Ela aconselhou: “As mulheres que estão dispostas a consagrar parte de seu tempo ao serviço do Senhor devem ser designadas para visitar os enfermos, cuidar dos jovens e atender às necessidades dos pobres. Elas devem ser designadas para essa obra pela oração e imposição de mãos. Em alguns casos, elas precisarão se aconselhar com os oficiais da igreja ou com o ministro; mas se forem mulheres dedicadas, mantendo uma conexão vital com Deus, elas serão uma força para o bem na igreja. Esse é um outro meio de fortalecer e edificar a igreja. Precisamos expandir mais nossos métodos de trabalho.”¹⁶ 

Referências

¹ *Signs of the Times*, 27 de janeiro de 1890.

² *Manuscript Releases*, v. 21, p. 274.

³ *Guia Para Ministros Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 82.

⁴ *Review and Herald*, 26 de abril de 1860.

⁵ *Signs of the Times*, 25 de agosto de 1898.

⁶ *Review and Herald*, 9 de julho de 1895, ênfase adicionada.

Adaptado de Martin Hanna e Cindy Tutsch, *Questions and Answers About Women's Ordination* (Nampa, ID: Pacific Press, 2014).

1984

A Divisão Sul-Americana registra o voto da sede mundial adventista relacionado ao papel das mulheres na igreja.

1995

Iniciam consultas administrativas da Divisão Sul-Americana às Uniões sobre o tema.

2020

Novas consultas da Divisão Sul-Americana às Uniões. Também é criada uma comissão especial para estudar o papel do ancionato na igreja local.

2021

A Divisão Sul-Americana vota autorizar às igrejas locais ordenarem anciãos.



Segredos do Apocalipse

Jacques B. Doukhan, Casa Publicadora Brasileira, 2023, 200 p.

O Apocalipse é uma obra de arte. Nele imagens e conceitos de toda a Bíblia se entrelaçam para formar um quadro vívido e impactante da soberania divina na história humana. Contudo, poucos identificam as conexões que estruturam o livro e explicam biblicamente os eventos proféticos.

Nesse sentido, o livro Segredos do Apocalipse oferece uma perspectiva essencial. Mergulhando nas Escrituras Hebraicas para trazer à tona ligações vitais com a revelação dada a João e relacionando esses vínculos a importantes fontes judaicas, a obra ajuda a decifrar os símbolos mais complexos.

Este comentário explora também as relações com o santuário israelita, que articulam as transições e a evolução das cenas registradas no Apocalipse, as quais encontram seu clímax no apogeu da história: a vinda gloriosa do Messias, o grande Dia do Senhor anunciado pelos profetas de Israel.



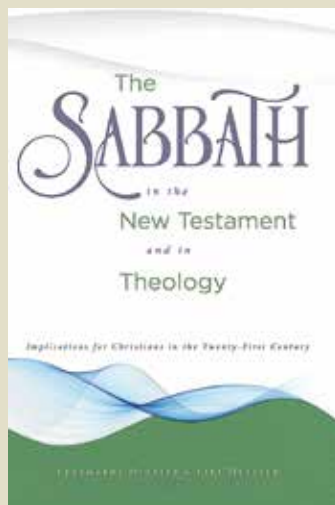
La Verdad Presente y el Mensaje de los Tres Ángeles

Nelson Mercado, Pacific Press, 2023, 176 p.

Em todas as épocas, Deus sempre teve uma mensagem específica para o Seu povo. Essa “verdade presente” tinha um propósito duplo: preparar os filhos de Deus para superar os desafios vigentes e trazer motivação para cumprir a missão de compartilhar essa mensagem às outras pessoas.

Deus tem uma verdade presente para os crentes de hoje. Ela está descrita nas três mensagens angélicas, apresentadas em Apocalipse 14. Em *La Verdad Presente y el Mensaje de los Tres Ángeles*, Nelson Mercado abordará o significado dessas mensagens e por que elas são tão importantes para os nossos dias.

Uma vez que os crentes compreendam essas mensagens, estarão prontos tanto para responder aos críticos quanto para proclamar seu motivo de esperança a toda nação, tribo, língua e povo.



The Sabbath in the New Testament and in Theology

Ekkehardt Mueller e Eike Mueller (eds.), Pacific Press, 2023, 633 p.

Em nossa cultura obsessiva, movida pelo dinheiro e sempre inquieta, Deus nos dá o sábado como um oásis de serenidade. Ele é um palácio no tempo, um reino para todos. O sábado é um momento de eternidade no meio do tempo. As pessoas que descansam no sábado vivem todos os sete dias de maneira diferente. Ele não é simplesmente uma pausa que renova. É a pausa que transforma. O sábado é um convite à receptividade e ao reconhecimento de que o que é necessário é dado e não precisa ser apreendido. Como afirmou Walter Brueggemann, o sábado nos ensina que “vivemos de dádiva e não de posse”.

Do Gênesis ao Apocalipse, o sábado aparece proeminentemente no cânone bíblico. O Novo Testamento acrescenta uma dimensão cristológica importante ao conceito do sábado encontrado no Antigo Testamento, relevante para todos, mas especialmente para os cristãos. Este segundo volume do conjunto de dois volumes é uma contribuição acadêmica para a discussão do sábado a partir de uma perspectiva adventista do sétimo dia.

UM MEDO IRRACIONAL

Em 1989, um jovem electricista da Califórnia estava dirigindo rumo ao seu trabalho quando, de repente, ouviu uma forte sirene policial. Ao ver pelo espelho retrovisor que um veículo da polícia se aproximava, ele acelerou o carro a velocidades não permitidas, dando início a uma perseguição policial na rodovia. A corrida frenética só terminou horas mais tarde, quando o veículo foi obrigado a parar em um bloqueio na fronteira com o México.

De que crime esse homem estava fugindo para tentar escapar dessa maneira? Ao prendê-lo, a polícia descobriu que ele não tinha antecedentes criminais nem era procurado por crime algum. Apesar de ser um homem inocente, tinha entrado em pânico ao ouvir a sirene e tentou fugir, embora, a princípio, ninguém o estivesse perseguindo. Ao ser entrevistado por um repórter de televisão, o homem expressou sua vergonha ao não poder explicar seu comportamento irracional. Um medo inexplicável o levou a provocar uma perseguição desnecessária que pôs em perigo a polícia, os demais motoristas e até ele mesmo.

Será que os cristãos sentem um medo desnecessário e ilógico ao ler algumas passagens das Escrituras? A mensagem dos três anjos de Apocalipse 14 pode ser um desses casos. O primeiro anjo proclama: “Temam a Deus e deem glória a Ele, pois é chegada a hora em que Ele vai julgar.” Devemos ter medo do juízo de Deus? A princípio, pode parecer que sim. Afinal de contas, Deus é um “justo juiz” que dá a cada um “conforme a obra de suas mãos” (Sl 7:11; 28:4). E como todos os seres humanos são pecadores e “o salário do pecado é a morte” (Rm 3:23; 6:23), então o juízo de Deus implica uma condenação para todas as pessoas.

No entanto, o objetivo das ações de Deus – incluindo Seus julgamentos – não é o de castigar as pessoas. “Eu não tenho prazer na morte de ninguém,

Não devemos ter medo do juízo, pois em Jesus e em Sua Palavra encontramos salvação e segurança.

diz o Senhor DEUS” (Ez 18:32). Pelo contrário, “Ele deseja que todos sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1Tm 2:4) e, por esse motivo, “deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Deus deseja e busca a salvação de todas as pessoas e, para isso, providenciou a solução mediante o sacrifício de Seu Filho Jesus. Nosso papel é reconhecer que somos pecadores e aceitar a Jesus como Salvador e Senhor de nossa vida. A Bíblia diz: “Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5:12).

Ellen White aconselhou: “Nossa fé deve centralizar-se em Jesus Cristo. Olhando para Ele, apegando-nos a Sua força como suficiente para toda emergência, nosso coração une-se ao Seu coração, nossa vida é ligada a Sua vida por elos ocultos, e porque Ele vive, nós também viveremos. Isto é religião prática; pois temos de ser guardados pelo poder de Deus para salvação, mediante a fé. Nenhum de nós pode estar seguro, a não ser que nos unamos ao Senhor em um concerto perpétuo” (*Review and Herald*, 14 de março de 1893).

Não devemos ter medo do juízo, pois em Jesus e em Sua Palavra encontramos salvação e segurança. Por meio Dele temos um salvo-conduto para irmos ao Céu. A serva do Senhor escreveu: “Se formos fiéis à Palavra de Deus, estaremos ao lado de Cristo, do lado dos fiéis e santos anjos; permaneceremos sob a proteção da Onipotência. De quem, pois, devemos ter medo?” (*Manuscrito* 162, 1897). **M**



ERIC RICHTER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol

CANAIS DE ATENDIMENTO

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606

de telefone fixo ou celular

WHATSAPP 
(15) 98100-5073

Baixe o
aplicativo
CPB



cpb.com.br     /cpbeditora

AMAZONAS MANAUS

SÃO GERALDO

Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

BAHIA CACHOEIRA

FADBA

Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

BAHIA SALVADOR

NAZARÉ

Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

CEARÁ FORTALEZA

CENTRO

R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA

ASA NORTE

SCN | Qd. 1 | Bl. A
Lojas 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

GOIÁS GOIÂNIA

SETOR CENTRAL

Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE

CENTRO

R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

MINAS GERAIS BELO HORIZONTE

CENTRO

Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

PARÁ BELÉM

MARCO

Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

PARANÁ CURITIBA

CENTRO

R. Visc. do Rio Branco, 1335
Loja 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

PERNAMBUCO RECIFE

SANTO AMARO

R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO

TIJUCA

R. Conde de Bonfim, 80
Loja A
(21) 3872-2787

RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE

CENTRO

R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

SÃO PAULO ENGENHEIRO COELHO

UNASP/EC

Estr. Mun. Pr. Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

SÃO PAULO HORTOLÂNDIA

PARQUE ORTOLÂNDIA

R. Pr. Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

SÃO PAULO SANTO ANDRÉ

CENTRO

Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

SÃO PAULO SÃO PAULO

MOEMA

Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

SÃO PAULO SÃO PAULO

PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

SÃO PAULO SÃO PAULO

VILA MATILDE

R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

SÃO PAULO TATUI

LOJA DA FÁBRICA

Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905